



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE ECONOMIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**

**MARCELO BRANDÃO DOS SANTOS**

**ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA CHAPADA DIAMANTINA E  
SUA SUSTENTABILIDADE: UM ENFOQUE NA CIDADE DE LENÇÓIS**

**SALVADOR – BA**

**2013**

**MARCELO BRANDÃO DOS SANTOS**

**ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA CHAPADA DIAMANTINA E  
SUA SUSTENTABILIDADE: UM ENFOQUE NA CIDADE DE LENÇÓIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Economia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Orientador Prof. Dr. Henrique Tomé da Costa Mata

**SALVADOR – BA**

**2013**

MARCELO BRANDÃO DOS SANTOS

**ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA CHAPADA DIAMANTINA E  
SUA SUSTENTABILIDADE: UM ENFOQUE NA CIDADE DE LENÇÓIS**

Aprovado em            de Abril de 2013

Orientador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Henrique Tomé da Costa Mata

Faculdade de Economia da UFBA

\_\_\_\_\_

Prof. Dr.

Prof. Dr. Da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA

\_\_\_\_\_

Prof. Dr.

Prof. Dr. Da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família, que queria tanto quanto eu vê-lo realizado. A todos vocês, o meu reconhecimento e a minha sincera e eterna gratidão.

Graças a DEUS.

## AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer. Primeiro ao Deus que sigo por permitir que eu tenha saúde e coragem para correr atrás dos meus desejos.

Meus pais, irmãos, tios, sobrinhas, primos e amigos pelo apoio constante durante todo o percurso. Minha namorada que sempre apoia minhas escolhas e acredita no meu potencial.

A todos os meus professores pelas orientações e conhecimento passados.

Aos amigos que fiz na Residência Universitária da Universidade Federal da Bahia.

Aos meus padrinhos, madrinhas e todos aqueles que torcem pelo meu sucesso.

Ao meu orientador pela paciência e atenção durante o trabalho.

A todos vocês muito obrigado.

## RESUMO

A monografia se refere ao turismo na Chapada Diamantina com foco nas condições estruturais montadas pela região a partir de Lençóis e sua correspondência a um modelo de desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, estudam-se as estruturas sociais, políticas, econômicas e ambientais condicionantes para o desenvolvimento sustentável de acordo com o referencial teórico atual; bem como as potencialidades e as limitações existentes. Para isso foram feitas visitas aos principais pontos turísticos do território, à Secretaria de Cultura e Turismo da Cidade de Lençóis e agentes envolvidos com o turismo local, em busca de material que dê sustentação a análise proposta. Também foram utilizados dados da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, BAHIATURSA e Prefeitura Municipal de Lençóis para diagnosticar os condicionantes e a sustentabilidade.

Palavras-chave: Turismo. Desenvolvimento Local. Sustentabilidade. Lençóis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Trecho rodoviário Salvador/ Lençóis.....	27
Fluxograma 1 – Quadro administrativo da Prefeitura de Lençóis.....	29
Fluxograma 2 – Quadro administrativo da Secretaria de Turismo e Cultura de Lençóis.....	31
Quadro 1 – Composição do índice FIRJAN.....	33
Apêndice A – Mapa de tipologia dos atrativos turísticos da Chapada Diamantina.....	72
Fotografia 1 – Lixão da cidade de Lençóis ao lado da rodovia que dá acesso à cidade.....	73
Fotografia 2 – Vista da entrada do lixão em Lençóis.....	73
Fotografia 3 – Lixão na cidade de Iraquara-Ba. ....	73
Fotografia 4 – Placa sinalizando proibição da deposição de lixo na faixa da rodovia.....	74
Fotografia 5 – Lixão em terreno de Palmeiras próximo à estrada do povoado do Julião.....	74
Fotografia 6 – Garrafas jogadas na natureza no lixão de Palmeiras.....	74
Fotografia 7 – Incêndio em Serra da Santana, Piatã.....	75
Fotografia 8 – Fogo invade o povoado do Vale do Capão em 2012.....	75
Fotografia 9 – Brigadistas de Lençóis tentando apagar o fogo que assola a região.....	75
Fotografia 10 – Imagem do território devastado pelo fogo em Piatã-Ba. ....	76
Fotografia 11 – Incêndio atinge a fauna da região em 2012.....	77
Fotografia 12 – Imagens da Cachoeira da Fumaça em período de seca e de chuva.....	77
Fotografia 13 – Imagens da Chapada Diamantina no período da seca.....	78
Imagem 1 - Matéria da Folha de São Paulo sobre o Poço Azul.....	78

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal 2012.....	33
Tabela 2 – Características demográficas e sociais dos municípios da Chapada Diamantina com base nas estatísticas dos municípios baianos – SEI 2011.....	35
Tabela 3 – Índice de GINI da renda domiciliar <i>per capita</i> 2010.....	36
Tabela 4 – Índices de infraestrutura, desenvolvimento social e classificação das cidades.....	37
Tabela 5 – Composição dos gastos médios dos turistas domésticos e internacionais na Bahia para o ano de 2011.....	41
Tabela 6 – Investimentos públicos nas zonas turísticas da Bahia - Janeiro 1991 a Dezembro 2010.....	41
Tabela 7 – Investimentos privados nas zonas turísticas da Bahia - Janeiro 1991 a Dezembro 2010.....	42
Tabela 8 – Principais fatores de influência para a venda dos serviços de turismo de Lençóis.....	44
Tabela 9 – Divulgação do turismo na Chapada Diamantina via internet.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABETA	Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura
ACVL	Associação dos Condutores de Visitantes de Lençóis
APA	Área de Proteção Ambiental
ASSET	Associação de Empresários de Turismo de Lençóis
BAHIATURSA	Empresa de Turismo da Bahia S/A
BRAL	Brigadas de Resgate Ambiental de Lençóis
BVL	Brigadas Voluntárias de Lençóis
CIPE	Companhia de Policiamento Especializado do Semiárido
CNTUR	Confederação Nacional do Turismo
COPPA	Companhia de Polícia de Proteção Ambiental do Estado da Bahia
CORDEC	Coordenadoria de Defesa Civil do Estado da Bahia
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
EMTRAM	Empresa de Transportes Macaubense
FENACTUR	Federação Nacional do Turismo
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisa Econômica
FPM	Fundo de Participação dos Municípios
FUNPATRI	Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Lençóis
GUT	Sigla para Gravidade, Urgência e Tendência
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
IDS	Índice de desenvolvimento social

IMA	Instituto do Meio Ambiente
INF	Índice de Infraestrutura
INGA	Instituto de Gestão das Águas e Clima
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IRDEB	Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia
ISS	Imposto Sobre Serviços
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECTUR	Secretaria de Turismo e Cultura de Lençóis
SEI	Superintendências de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEMA	Secretaria Estadual do Meio Ambiente
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SETUR	Secretaria de Turismo do Estado da Bahia
SUINVEST	Superintendência de Investimentos em Polos Turísticos
SWOT	Matriz que mede a Força, Oportunidade, Fraquezas e Ameaças
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO CONCEITUAL</b>	<b>16</b>
3.1	CONCEITO DE TURISMO	16
3.2	CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	17
3.3	CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	20
3.4	CONCEITO DE TURISMO DE AVENTURA	22
3.5	CONCEITO DE ECOTURISMO	23
3.6	CONCEITO DE COMUNIDADE	24
3.7	CONCEITO DE LOCAL E REGIÃO	25
<b>4</b>	<b>INFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E AMBIENTAIS DA CIDADE DE LENÇÓIS</b>	<b>27</b>
4.1	ASPECTOS POLÍTICO-ADMINISTRATIVOS DE LENÇÓIS	27
4.2	ASPECTOS DA INFRAESTRUTURA LOCAL	31
4.3	ASPECTOS ECONÔMICOS VINCULADOS AO TURISMO DA BAHIA E DA CHAPADA DIAMANTINA	40
4.4	CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS PRODUTOS TURÍSTICOS DE LENÇÓIS E REGIÃO	45
4.5	VETORES PREJUDICIAIS À SUSTENTABILIDADE	60
<b>5</b>	<b>AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA CIDADE DE LENÇÓIS</b>	<b>64</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES</b>	<b>66</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>68</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>70</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 10 anos, em termos de Brasil, o turismo tem se constituído em uma atividade muito importante para o desenvolvimento econômico e para compor a diversificação das atividades geradoras de riqueza. Não é atoa que de 2003 aos dias atuais já foram criados o Ministério do Turismo e vários programas nacionais de apoio ao setor. Agora, o país passa por um momento de ancorar as necessidades de desenvolvimento concordante com as condições físicas, biológicas e sociais dos lugares, para garantir uma atividade sustentável.

Na esfera atual, o turismo é uma atividade sólida e capaz de trazer benefícios amplos para o Brasil, sobretudo, como oportunidade de diversificação e consolidação econômica. Com o turismo é possível gerar emprego, valorizar a cultura e conservar o ambiente e o patrimônio histórico dos lugares. Mas, para que a atividade tenha um futuro garantido, nas localidades, é preciso aliar desenvolvimento e sustentabilidade em um desafio conjunto. E esta perspectiva ainda está um pouco longe do que se observa em boa parte dos destinos turísticos do país, sobretudo, aqueles que se encontram mais afastados dos grandes centros.

No caso de Lençóis, a cidade se urbanizou através da parceria com o governo Estadual e Federal que nomearam a cidade como representante do destino Chapada Diamantina no programa de desenvolvimento regional. Contudo, no contexto regional, em que a maioria das cidades não usufrui do mesmo apoio recebido por Lençóis, e vive da agropecuária, do comércio e de outros serviços, ainda há muitos entraves que dificultam o desenvolvimento e a sustentabilidade do turismo.

Observa-se a presença de alguns fatores positivos na região, como o grande número de atrativos turísticos de valor competitivo, a instalação de um aeroporto e de vias de acesso rodoviário; além da presença de uma rede hoteleira e agências de turismo que operam nos locais. Entretanto, os fatores negativos ainda pesam bastante, sobretudo, por conta da pouca integração entre as cidades no planejamento turístico, da concentração da atividade em Lençóis e sua falta de desenvolvimento nos outros destinos, da carência por eventos que reduza a sazonalidade e da pouca preocupação com a sustentabilidade em longo prazo.

Dessa forma, a proposição deste trabalho é avaliar a possibilidade do setor turístico no destino Volta ao Parque Chapada Diamantina vir a se tornar uma atividade econômica sustentável, tendo como base os requisitos necessários ao desenvolvimento e sua integração à cultura local. Para isso, analisam-se as potencialidades existentes e os motivos pelos quais o turismo em nível regional não consegue ser uma prioridade no desenvolvimento das localidades, apesar das riquezas naturais, históricas e culturais que o destino possui.

Para que a sustentabilidade seja alcançada a atividade turística desenvolvida pela comunidade de Lençóis depende de sua estrutura interna e também das condições estruturais dos atrativos espalhados pelas outras cidades. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa visa analisar a estrutura de desenvolvimento regional do turismo, no entorno de Lençóis, observando a integração entre os diferentes agentes e setores a atuarem sistemicamente na busca pelo desenvolvimento sustentável.

Há um interesse em descobrir como Lençóis se organiza administrativamente para promover o desenvolvimento do turismo, e também como se encontram os elementos responsáveis pelo desenvolvimento sustentável da atividade no contexto dos outros municípios que integram o destino Volta ao Parque Chapada Diamantina.

Deste modo, o trabalho, além desta introdução e da metodologia adotada, segue estruturado em mais três seções seguintes: A primeira seção se destina a uma breve revisão teórica sobre conceitos e definições relativas ao turismo, desenvolvimento local e sustentabilidade. Na segunda seção faz-se um levantamento das informações sobre infraestrutura, questões político-administrativas, econômicas e ambientais da cidade, para assim destacar a atmosfera turística local. E, na terceira seção, analisam-se as potencialidades e os vetores que impedem o desenvolvimento regional do turismo, com vistas a apresentar as impressões encontradas.

## 2 METODOLOGIA

De acordo com Godoy (1995), uma pesquisa caracteriza-se como um esforço para a verificação e a ampliação do conhecimento existente. O trajeto escolhido na busca por informações pode apresentar contornos diferentes e assumir características quantitativas ou qualitativas. Nesse caso, o estudo em questão é predominantemente qualitativo, pois não se utilizam métodos estatísticos na interpretação dos dados, uma vez que o interesse maior do trabalho é na análise da estrutura regional do turismo desenvolvida em Lençóis como pertencente aos quesitos da sustentabilidade.

Assim, a metodologia utilizada para elaboração desta monografia envolve algumas etapas ocorridas durante o ano de 2012. Foram feitas três visitas à cidade de Lençóis, no mês de Janeiro do ano citado, para coletar informações sobre o turismo local. Nestas visitas foram obtidas informações acerca de algumas agências turísticas como a Volta ao Parque Ecoturismo, Terra Chapada Expedições e Vertical Trip Adventures, localizadas na Avenida Sete de Setembro e Praça Horácio de Matos, centro de Lençóis.

Também foram obtidas informações acerca da rede hoteleira por meio de conversas com funcionários e empreendedores locais, e dos guias turísticos, com conversas estabelecidas com alguns guias que transportam os visitantes para os roteiros turísticos da Chapada Diamantina. As conversas com os guias aconteceram na lanchonete que dá acesso à gruta da torrinha, município de Iraquara, junto com a guia local Cláudia Lima, enquanto eles aguardavam o retorno dos turistas da visita feita dentro da gruta.

De volta a Lençóis a visita se dirigiu à Secretaria de Cultura e Turismo da cidade, aonde foi feita uma observação do ambiente, enquanto aguardava o atendimento por parte do Secretário Delmar Araújo. A visita durou cerca de 2 horas em um bate papo repleto de informações acerca das ações executadas pela Secretaria e da relação com a sociedade local. Foi feita uma solicitação de material junto ao Secretário que o disponibilizou via e-mail no dia 12 de Janeiro de 2012<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Apêndice A - Material enviado por e-mail pelo Secretário de Turismo e Cultura de Lençóis

Além disso, foram feitas visitas em alguns atrativos turísticos da região para observar as condições estruturais, sinalização e condições preservativas dos ambientes. Enquanto isso, pesquisas bibliográficas que dariam suporte teórico à construção do trabalho também eram exercidas. O material analisado envolveu autores que dialogam sobre desenvolvimento turístico, desenvolvimento local e sustentabilidade, com destaque para Ignacy Sachs, e o Livro “Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina” de Francisco Emanuel Matos Brito.

Para complementar a elaboração da monografia outras visitas foram feitas na Chapada Diamantina, no mês de Junho, período das festas juninas; no feriado de 12 de Outubro, data que compreendeu a realização do festival de inverno de Lençóis 2012; e no mês de Fevereiro de 2013, período de carnaval, quando foi possível visitar as cidades de Palmeiras e Iraquara.

Durante todo este período de coleta de dados, outras pesquisas sobre o turismo local, regional e nacional foram feitas nos sites da Prefeitura Municipal de Lençóis, Empresa de Turismo da Bahia S/A (BAHIATURSA), Ministério do Turismo, Portal da Transparência do governo federal, etc. Além disso, foram lidos manuais de políticas de desenvolvimento do turismo realizados pelo governo federal e pesquisas divulgadas pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o turismo no Brasil e na Bahia.

O trabalho também conta com informações advindas do Relatório de 2010 do Índice de Competitividade do Turismo Nacional, composto por 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico. Este índice é parte do Programa de Regionalização do Turismo-Roteiros do Brasil, Implantado pelo Governo Federal em 2008, para medir os territórios de identidade de cada região. O Índice é mensurado anualmente pela Fundação Getúlio Vargas através de análises SWOT e GUT. O relatório referente ao ano de 2010 também foi enviado por e-mail pelo Secretário de turismo e cultura da cidade de Lençóis Delmar Araújo.

### 3 REVISÃO CONCEITUAL

#### 3.1 CONCEITO DE TURISMO

Na leitura de (BRITO, 2005), observa-se que os conceitos utilizados na definição de turismo estão intimamente ligados à evolução da sociedade humana. Segundo o autor em “Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina”, as viagens praticadas pelos ingleses do século XVI ao XVIII, com o intuito de moldar o gosto dos jovens integrantes à classe dominante, contribuíram muito para a difusão do que se conhece atualmente como turismo.

Depois, com o advento da revolução industrial inglesa, os transportes e as comunicações se desenvolveram, assim como o reconhecimento pelos direitos dos trabalhadores que passaram a ter um tempo livre dedicado ao lazer. Surgiu então a organização de um mercado de viagens que possibilitaram a emergência do turismo.

No período em que os trabalhadores lutavam pelos seus direitos, segundo Hobsbawm (1977, p. 216), ‘o capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagem de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia, e pequenas excursões mecanizadas para as massas, em alguns países como a Inglaterra’. Este mesmo autor afirma que na década de 1860, a preferência da classe média recaía sobre a viagem de verão com a família ou (para os mais ricos) uma estação de férias gerando assim um grande desenvolvimento de tais lugares, na costa da Inglaterra, nas montanhas do continente. (BRITO, 2005, p.30)

De acordo com (BRITO, 2005), estas viagens se tornaram mais populares com as mudanças nas condições de trabalho conquistadas a partir da afirmação da burguesia capitalista. Também pelo reconhecimento do princípio contido no artigo XXIV da Carta de Declaração Universal dos Direitos do Homem, que diz: “Todo homem tem direito ao repouso, ao lazer, à limitação das horas de trabalho e à remuneração das férias periódicas” (MPF-3ª REGIÃO).

Atualmente as viagens turísticas são vistas pelo aspecto do lazer e também pela proporção econômica. Mas, é preciso deixar claro que sua exploração não deve provocar impactos negativos. Por isso, declarações como a de (RUSCHMANN, 2001, p.69) devem ser seguidas para evitar a destruição em massa dos recursos culturais e naturais de uma região.

Enquanto a indústria destrói para produzir, o turismo deve preservar para produzir. A harmonização do turismo com o ambiente é uma mudança na forma de pensar, uma inovação conceitual para superar uma contradição que

facilmente acontece entre o turismo destrutivo e a proteção de um turismo que deve ser preservado.

Este pequeno aporte histórico feito até agora chega ao ano de 1966, na cidade do Rio de Janeiro, ano em que foi criada a EMBRATUR com o objetivo de ser o órgão principal do turismo brasileiro. E este órgão, por meio do decreto 448 de 14 de Fevereiro de 1992, divulgou a definição de turismo da seguinte maneira:

É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações, compra e venda de serviços turísticos efetuados entre os agentes econômicos do turismo. É gerada pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visitam. (EMBRATUR, 1992).

Ainda que esta definição da EMBRATUR seja bastante atual pela característica econômica que atribui à atividade turística, ela se torna um pouco discutível por conter poucos elementos culturais e sociais. Sobretudo, porque nos primórdios do turismo ele foi praticado como uma atividade cultural que incitava as pessoas ao conhecimento de lugares e culturas diferentes das suas. Por conta disso, o conceito de turismo admitido do ponto de vista mais atual e que serve como referência para a elaboração das estatísticas internacionais é o estabelecido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), em 1994, que define turismo como:

Conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares distintos de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano e superior a vinte e quatro horas, com fins de lazer, negócios ou por outros motivos não relacionados ao exercício de alguma atividade remunerada no local visitado (OMT, 1994 apud SEBRAE 2010, p.9)

Entretanto, em função das características que a atividade turística adquire em suas diversas modalidades, seus conceitos estão sempre em evolução. Sobretudo, neste período contemporâneo em que a exploração da atividade turística pode assumir uma contextualização econômica, sociológica, geográfica, antropológica, cultural, etc.

Segundo o Ministério do Turismo brasileiro, no programa de segmentação do turismo e do mercado, o comportamento da atividade turística tem mudado nos últimos anos tanto na estrutura de demanda como na de oferta. Por conta da intensificação do mundo globalizado surgem novas motivações que precisam ser atendidas pelos destinos turísticos como forma de diferenciação da atividade. Com isso, adaptações são feitas em busca de atender as necessidades dos mercados e acabam estimulando novas teorias sobre o assunto.

### 3.2 CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO

De acordo com a OMT (2004), “o turismo é uma atividade que favorece o desenvolvimento local. Seu uso como atividade econômica gera emprego, aumento de renda dos trabalhadores, investimentos de capitais em novas oportunidades de negócios e cria novas organizações”. Além disso, a atividade turística quando bem estruturada apresenta uma garantia de sobrevivência do local maior que a adoção de outros segmentos econômicos, como foi o caso do garimpo na Chapada Diamantina.

Mas, isto é só uma garantia, pois para desenvolver uma localidade, nos dias atuais, necessita-se de muito mais do que a simples escolha da atividade certa. É preciso empenho para reduzir as pressões destrutivas sobre o ambiente, sobre a integridade cultural e a qualidade de vida das populações que vivem nestes espaços. As ações direcionadas para o desenvolvimento do turismo de uma forma sustentável necessitam apoiar-se em estudos que avaliem seus impactos positivos e negativos, dimensionando de forma sistêmica as variáveis econômicas, socioculturais e ambientais que neles se inserem.

Dessa forma, o turismo com ênfase no desenvolvimento local, precisa estar voltado para as peculiaridades do território e da comunidade. Buarque (2004.p.25), observa que:

O desenvolvimento local é um processo endógeno de mudanças, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais, contribuindo para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade competitiva da economia local; ao mesmo tempo deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base das suas potencialidades e condições para a qualidade de vida local. Esse empreendimento endógeno normalmente demanda um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidade própria, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

Por este contexto, é importante entender que cada local de exploração da atividade turística deve pensar sua logística de funcionamento de forma específica. Cada comunidade se diferencia das outras em aspectos físicos, biológicos, humanos, históricos, etc., por conta disso, deve executar um modelo de turismo compatível com as peculiaridades ambientais que possui, para viabilizar um desenvolvimento específico sem que seja necessário copiar modelos prontos que divergem totalmente da realidade local.

É muito frequente observar que as políticas de desenvolvimento aplicadas em ambientes, sob os quais não foram feitos um diagnóstico, um planejamento, implicam na desarmonia do lugar. Há problemas de destruição dos elementos culturais, esgotamento dos recursos naturais e exploração dos recursos de maneira desigual. Dessa forma, o turismo, talvez até mais que outras modalidades de exploração econômica, precisa combinar dinamicamente os recursos oferecidos pelas estruturas das localidades, para alcançar um volume de benefícios sociais, econômicos, ambientais e culturais que proporcione renda e sustentabilidade.

De acordo com (FISHER, 2002) o conceito de desenvolvimento local envolve duas ideias complementares que se associam ao território. Uma se refere ao espaço concreto, vincula-se à ideia de constância e inércia e pode ser identificado como área delimitada. É o que se chama de município, microrregião, etc. Outra é o espaço abstrato das relações sociais, indica movimento e interação dos grupos sociais que se articulam ou se opõem em torno de interesses comuns. Seguindo a ideia de movimento e interação, (SANTOS, 1999) aponta que ela pode ser observada na medida em que os agentes levem em conta a interdependência da natureza com o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política.

Observa-se então, que o turismo possui características peculiares que o diferenciam de outras atividades produtivas. É um produto que tem como foco ser consumido no próprio local em que é explorado pelo ofertante e o demandante. Ele estimula o desenvolvimento de outras atividades econômicas como entretenimento, comércio, transportes, meios de hospedagem, agências de viagens, artesanato, serviços de apoio, etc. Estimula também o desenvolvimento da infraestrutura local como são os casos das estradas, aeroportos, saneamento, energia, etc. Mas, o turismo depende da sustentabilidade cultural e ambiental para provocar um efeito positivo no desenvolvimento, na geração de renda e empregabilidade.

Em verdade, o que muito acontecia com o turismo, até poucos anos atrás, era a opção por substituir uma área verde de vegetação nativa por um grande hotel, ou, o morador local poder escolher, ao invés de produzir artigos da cultura nativa, investir em uma casa noturna ou uma lanchonete com produtos industrializados, enlatados e congelados. Iniciativas que fizeram o próprio sistema voltar contra si. Hoje, sabe-se que o turismo provoca desenvolvimento local quando a atividade produtiva é ecologicamente sustentável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente justa para as comunidades locais.

### 3.3 CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Para se explorar a atividade turística é fundamental entender que a sustentabilidade é o conceito chave no que concerne à reavaliação do papel do turismo na sociedade contemporânea. Na definição elaborada pela OMT:

O turismo sustentável é entendido como aquele que satisfaz as necessidades presentes dos turistas ao mesmo tempo em que preserva as regiões de destino e incrementa novas oportunidades para o futuro. Ele deve ser concebido de modo a conduzir à gestão de todos os recursos existentes, tanto do ponto de vista da satisfação das necessidades econômicas, sociais e estéticas, quanto da manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas de suporte à vida (OMT, 1998 apud CUNHA; CUNHA, 2005, p.21).

A sustentabilidade pode ser percebida como um meio de organizar as atividades humanas, de forma que a sociedade possa utilizar o seu maior potencial para alcançar as suas necessidades e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais.

Um dos estudos científicos iniciais que contribuíram para o aumento das atenções voltadas à sustentabilidade foi a ideia de ecodesenvolvimento pensada por Ignacy Sachs. Isto porque o autor não tratou da degradação ambiental de forma isolada, mas através da inserção de elementos sociais. Assim, os parâmetros e o rumo para o desenvolvimento passaram a considerar a divisão dos benefícios e a negociação dos prejuízos socioambientais para que o progresso seja alcançado. Assim, o progresso passou a ser associado a planejamentos e ações.

A expressão “desenvolvimento sustentável” foi introduzida na década de 1980, quando pesquisadores anglo-saxões iniciaram a substituição do termo ecodesenvolvimento por desenvolvimento sustentável. O novo conceito foi firmando na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, na qual foram estabelecidas as bases para alcançá-lo em escala global.

Segundo Sachs (2009), o desenvolvimento sustentável é um conceito que ao ser construído pode ser influenciado, vindo a incorporar um conjunto de valores dos diferentes setores e atores sociais que fizerem parte desta construção. Por isso, para evitar outros interesses, ele precisa corresponder ao mesmo tempo a “um crescimento econômico sustentado, socialmente inclusivo e em harmonia com o meio ambiente” (SACHS, 2009, p.329).

No panorama atual, seguindo a Organização Mundial do Turismo (OMT 2004), a noção de turismo sustentável deve levar em conta um modelo de desenvolvimento econômico que permita melhorar a qualidade de vida das comunidades anfitriãs com benefícios econômicos e sociais. Deve também promover uma qualidade elevada na experiência do visitante para ajudar a manter a qualidade do ambiente do qual depende toda a humanidade. Soma-se a isto, ainda, a necessidade de encorajar a sociedade acerca da compreensão dos impactos do turismo no ambiente cultural, humano e material e melhorar as infraestruturas sociais como cuidados com saúde e segurança.

Sachs (2002, p. 85) informa que o desenvolvimento sustentável deve ser implementado por uma metodologia que promova uma aprendizagem social e que possa refletir uma síntese pedagógica. Para isto ele recomenda a utilização de algumas dimensões que possam guiar a sociedade em prol dos objetivos do desenvolvimento sustentável. Estas dimensões se caracterizam pela:

Sustentabilidade Social – que se apresenta por meio do alcance de um patamar razoável de homogeneidade entre os agentes sociais. Para isto, a localidade precisa manter uma distribuição justa de renda, possibilidade de emprego com qualidade de vida decente e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.

Sustentabilidade Cultural – que abrange o interior da continuidade cultural exigindo equilíbrio e respeito ao lidar com tradição e inovação. É preciso que o local demonstre autonomia para elaboração de projetos nacionais e autoconfiança no processo de abertura da localidade para o mundo.

Sustentabilidade Ecológica - que se refere à preservação do potencial da natureza na sua produção de recursos renováveis e na limitação do uso dos recursos não-renováveis.

Sustentabilidade ambiental – refere-se à manutenção da capacidade de sustentação dos ecossistemas e respeito à capacidade de absorção e recomposição dos ecossistemas em face das agressões antrópicas.

Sustentabilidade Territorial – que se refere às configurações urbanas e rurais balanceadas, com melhoria do ambiente urbano, delimitação de áreas para preservação, superação das disparidades inter-regionais e estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguro para áreas ecologicamente frágeis.

Sustentabilidade política – refere-se ao processo de construção da cidadania para garantir a incorporação plena dos indivíduos ao processo de desenvolvimento. Uma democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos. Implica também no desenvolvimento da capacidade do município para implementar os projetos em parceria com todos os empreendedores em um nível de coesão social no mínimo razoável.

Sustentabilidade Econômica – refere-se a uma gestão eficiente dos recursos em geral e caracteriza-se pela regularidade de fluxos do investimento público e privado. Implica no desenvolvimento econômico equilibrado entre os setores, na segurança alimentar e na capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção sem infligir o meio ambiente.

A questão de desenvolver as sociedades de forma sustentável não pode se refletir em modelos específicos para tratar de problemas ecológicos, apenas, mas em estratégias múltiplas para toda uma sociedade. Para que estas dimensões sejam eficientes é necessário mobilização e envolvimento dos diversos setores da sociedade, com o propósito de definir um sistema de vida consciente, com padrões de comportamento, produção e consumo que atendam às prioridades coletivas em conjunto com os recursos naturais.

### 3.4 CONCEITO DE TURISMO DE AVENTURA

Atualmente, o conceito de turismo de aventura fundamenta-se na atividade e no território pressupondo respeito às relações de mercado, aos praticantes e ao ambiente. Nesse sentido, o conceito mais adotado vem do Ministério do Turismo que conceitua este segmento como “atividades turísticas decorrentes da prática de atividade de aventura de caráter não competitivo” (BRASIL, 2005).

Neste conceito, consideram-se atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações de liberdade, prazer e superação, a depender do nível de dificuldade de cada atividade.

Há uma diversidade presente no Turismo de Aventura fruto da constante inovação decorrente do avanço tecnológico e da busca contínua de desafios e experiências inusitadas por parte de alguns consumidores. O segmento dinamiza-se pela capacidade de absorver as novas tecnologias que se materializam nos equipamentos e técnicas que surgem no mercado. Assim, essa modalidade turística se caracteriza pelo leque de possibilidades de oferta dos produtos e pela complexidade do processo de planejamento, gestão e promoção desse tipo de turismo.

### 3.5 CONCEITO DE ECOTURISMO

Sobre o ecoturismo trata-se de uma atividade que se desenvolve sem alterar o equilíbrio do ambiente. Até por esta característica tenta-se compatibilizá-lo com a ecologia, chamando-o de turismo ecológico. Mas, o que se evidencia mesmo neste segmento turístico é que ele está muito associado à ética, promovendo bem estar tanto aos viajantes como para as comunidades locais.

Sabe-se que a relação existente entre o ser humano e natureza resulta em impactos negativos ao meio ambiente. Portanto, o ecoturismo deve ser caracterizado como uma atividade de turismo com a finalidade de conservar e desenvolver o meio ambiente utilizado. Para isto devem-se enfatizar os conceitos de desenvolvimento sustentável e responsabilidade social.

Considerando que há uma variedade conceitual para o assunto, pois se trata de uma atividade que gera conflitos com outras modalidades de exploração turística da natureza, foi elaborado um conceito em grupo, em que se extraiu componentes que se repetem em várias conceituações. Neste sentido, o Grupo de Trabalho Interministerial em Ecoturismo, formado pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, EMBRATUR, IBAMA, chegou a seguinte definição:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (BRASIL, 1995).

### 3.6 CONCEITO DE COMUNIDADE

O termo comunidade vem sendo utilizado, nos últimos tempos, de forma desordenada, fato que contribui para uma confusão conceitual que esvazia seu significado. Qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, sejam bairros, vilas, cidades, segmentos sociais, digitais, etc., talvez pelo modo como a palavra comunidade tem evocado as sensações de solidariedade e vida em comum, independentemente do local.

Na literatura são muitas definições utilizadas. É frequente ainda o termo ser aplicado para designar pequenos agregados rurais (aldeias, freguesias) ou urbanos (quarteirões, bairros), mas também a grupos profissionais (comunidade médica, comunidade científica), a organizações (comunidade escolar), ou a sistemas mais complexos como países (comunidade nacional), ou mesmo o mundo visto como um todo (comunidade internacional ou mundial).

Discute-se o conceito de comunidade como uma construção sociológica. Um conjunto de interações e comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros. Não se trata apenas de uma ação isolada, mas de um conjunto de ações que têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos.

Mas, uma comunidade também pode ser vista como um espaço físico de fronteiras concretas ou ainda abstratas, como são os casos de aldeias, em áreas rurais, que se separam umas das outras por poucos quilômetros. Sem falar que as comunidades ainda podem estar inseridas em outras comunidades como são os casos de comunidades menores dentro de distritos, regiões, grupos étnicos, nações, etc.

Nas áreas mais ruralizadas e interioranas, uma comunidade pode ser um pequeno grupo de propriedades pertencentes a pessoas com uma origem comum. Mas, em Lençóis e outras cidades da Chapada Diamantina este aspecto da delimitação física e da origem comum já não se constitui de forma plena, uma vez que seus espaços foram sendo constituídos de visitantes

e culturas advindas de várias partes do país e do mundo. Nesse sentido, os critérios de comunidade já são mais abstratos que a delimitação física ou geográfica, se encaixando em alguns elementos citados no parágrafo anterior.

Como Bauman (2003, p. 7) nos revela, “comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra carrega”: é a sensação da segurança, de ação conjunta, de compartilhamento e cuidado mútuo que o ambiente reluz. A comunidade é um esconderijo dos perigos da sociedade moderna e um lugar ideal para se viver

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, p.128)

Em suma o que talvez se possa dizer é que uma comunidade em um grande centro é mais difícil de demarcar do que uma comunidade interiorana. Isto porque ela contém fronteiras pouco definidas, por ser mais heterogênea e mais difícil de organizar. Além disso, as comunidades em grandes centros possuem objetivos mais complexos e sofisticados do que as comunidades interioranas ou até mesmo rurais. Contudo, em Lençóis a comunidade apresenta características interioranas pela densidade demográfica, misturada com a heterogeneidade dos grandes centros por conta da miscigenação que sua população se constitui.

### 3.7 CONCEITO DE LOCAL E REGIÃO

Para melhor compreender este trabalho e a logística de exploração feita pela cidade de Lençóis aos atrativos turísticos pertencentes à Chapada Diamantina é preciso entender sobre o que se pensa atualmente em termos de local e região. Isto porque se percebe claramente quando se busca definir tais termos que nenhum deles apresenta um conceito específico. Tanto as reflexões feitas por Milton Santos, como as de Ortiz e Boudin em localidade e região apresentam muitas indefinições.

Como diz Bourdin (2001, p. 13), “As delimitações da localidade são múltiplas e contingentes. A vizinhança, o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referência relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente”. Na própria obra em que defende seu posicionamento sobre o assunto o autor considera que

não existem territórios imutáveis e demarcações absolutas. As fronteiras entre os termos são muitas vezes vagas e transitórias, muitas vezes medidas por rios, vales, montanhas, etc. Restando então aos envolvidos definir esta questão levando em consideração as inter-relações da estrutura social, que surgem com as aglomerações e descentralizações das atividades.

Milton Santos (2006, p.38), não pensa diferente e caracteriza o espaço como:

Um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam.

Percebe-se então que o local é um espaço que apresenta uma unidade, mas que pode se modificar, como também possuir características transitórias. Na prática, o que acontece na Chapada Diamantina é como se Lençóis fosse, ao mesmo tempo, uma comunidade, localidade e região, dependendo do ponto de vista de quem está próximo ou distante.

Esta mesma complexidade que existe em se delimitar o local ocorre no contexto regional, haja vista a relatividade de suas demarcações. O termo “região” e “regional”, assim como “comunidade”, “comunitário” e “local” têm sido usados, pelo senso comum e até por alguns estudiosos, com significados dos mais variados, o que contribui para um esvaziamento conceitual, ou seja, faz com que os conceitos percam sua força explicativa e seus significados essenciais. Nos dizeres de Santos (2006, p.165-166):

As condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional. Mas isso não suprime a região, apenas ela muda de conteúdo. A espessura do acontecer é aumentada, diante do maior volume de eventos por unidade de espaço e por unidade de tempo. A região continua a existir, mas com nível de complexidade jamais visto pelo homem.

A região também passa por esta instabilidade de conteúdos e contornos e adquire caráter abstrato. Na opinião de Milton Santos (2006, p.108-9),

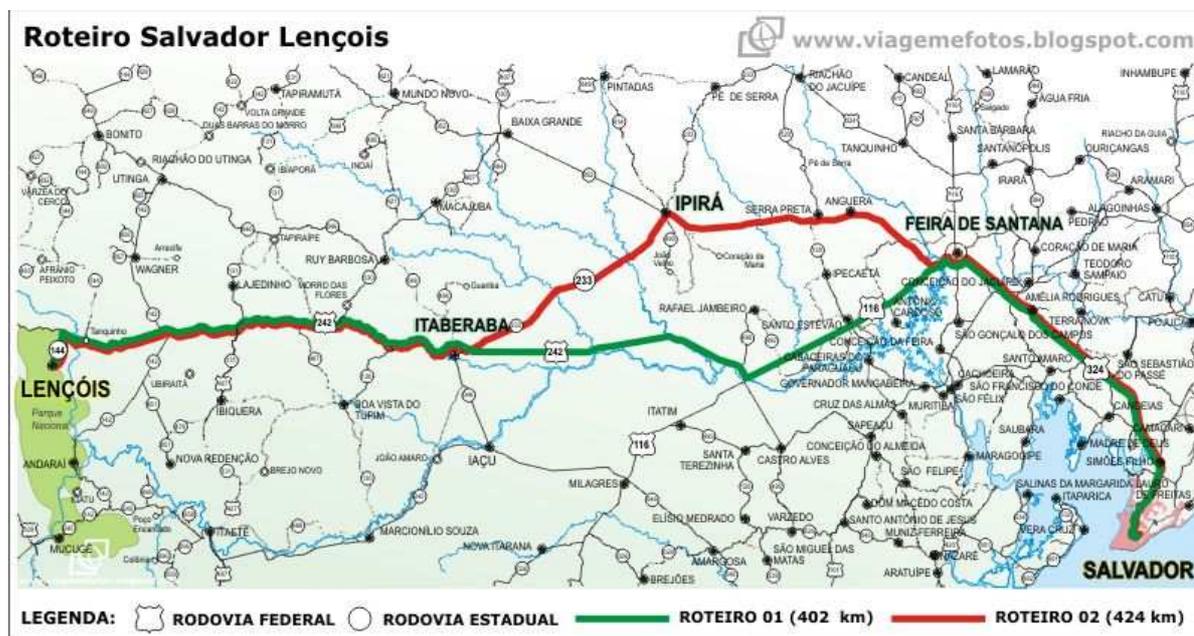
A distinção entre lugar e região passa a ser menos relevante do que antes, quando se trabalhava com uma concepção hierárquica e geométrica onde o lugar devia ocupar uma extensão do espaço geográfico menor que a região. Na realidade, a região pode ser considerada como um lugar, desde que a regra da unidade, e da continuidade do acontecer histórico se verifique. E os lugares – veja-se o exemplo das cidades grandes – também podem ser regiões.

## 4 INFORMAÇÕES POLITICO-ADMINISTRATIVAS, ESTRUTURAIS ECONÔMICAS E AMBIENTAIS DA CIDADE DE LENÇÓIS.

### 4.1 ASPECTOS POLÍTICO ADMINISTRATIVOS DE LENÇÓIS

Lençóis é uma cidade localizada na região central do Estado da Bahia, no território compreendido como Chapada Diamantina, distante 410 km da capital Salvador, 1.100 km de Brasília e 1.800 km de São Paulo. O acesso a Lençóis, saindo de Salvador, se dá por meio das rodovias federais BR 324, BR 116 ou BR 233 e BR 242, e por meio aéreo saindo do aeroporto Luiz Eduardo Magalhães, em direção ao aeroporto Cel. Horário de Matos, que se localiza a 20 km de Lençóis, no distrito de Tanquinho.

Figura 1: Mapa Rodoviário Salvador/Lençóis



Fonte: Google Imagens

Sua população total é de 10.368 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE de 2010. Possui uma unidade territorial de 1.240 km<sup>2</sup>, mas atua turisticamente em uma área de aproximadamente 370 km, correspondente a trechos do Parque Nacional da Chapada Diamantina e da Área de Proteção Ambiental Marimbus/Iraquara.

O Município de Lençóis faz divisa com Andaraí (sul), Bonito (norte), Iraquara e Mulungu do Morro (noroeste), Wagner (nordeste), Lajedinho (leste), Palmeiras e Mucugê (sudeste). Contudo, no âmbito da atividade turística, Lençóis foi escolhido para ser o Pólo do Destino Indutor Volta ao Parque Chapada Diamantina<sup>2</sup>, composto pelos municípios do Circuito do Diamante que abrange Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra. São estes municípios que serão utilizados para o estudo, com exceção de Seabra que não apresenta perspectiva turística.

A formação socioeconômica da cidade de Lençóis, assim como a da maioria dos Municípios da Chapada Diamantina se deu a partir de pessoas provenientes de diversos locais da Bahia e de Minas Gerais. Mas, a fama do garimpo também trouxe comerciantes franceses, árabes, judeus, ingleses e holandeses, que representavam os sindicatos das companhias estrangeiras no Brasil. Assim, Lençóis foi se tornando uma cidade tradicional que mantinha relações comerciais e culturais com grandes centros como Liverpool, Paris, Londres e Amsterdam.

O escritor lençoense, Afrânio Peixoto, ocupante da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, escreveu sobre essa relação entre Lençóis e o mundo, deixando sua versão sobre a participação da cidade no processo de globalização econômica.

Não é encantador pensar que minha terrinha humilde do sertão da Bahia é quem permite a Nova Iorque, ou Londres, ou Paris, as suas cidades subterrâneas, por onde passam os metropolitanos, e a água, servida ou potável, que são a vida dessas capitais do mundo? Para o escavar na rocha a transpor, e logo perfurada, foi preciso um carbonato de Lençóis. Lençóis concorre assim, poderosa e eficientemente, para a civilização orgulhosa do mundo, que o esquece... (DIAMANTES da Bahia, s.d. apud SANTOS, 2006, p.. 62)

Os dados oficiais da cidade encontrados no arquivo público e biblioteca revelam que toda a primeira parte do século XX foi de decréscimo do diamante e crescimento das disputas coronelistas. Mas, mesmo enfraquecido o garimpo foi responsável por promover a construção dos belos casarões coloniais que contribuíram para o tombamento da cidade pelo IPHAN, no ano de 1973.

---

<sup>2</sup> Anexo A – Mapa contendo a região turística da Chapada Diamantina.

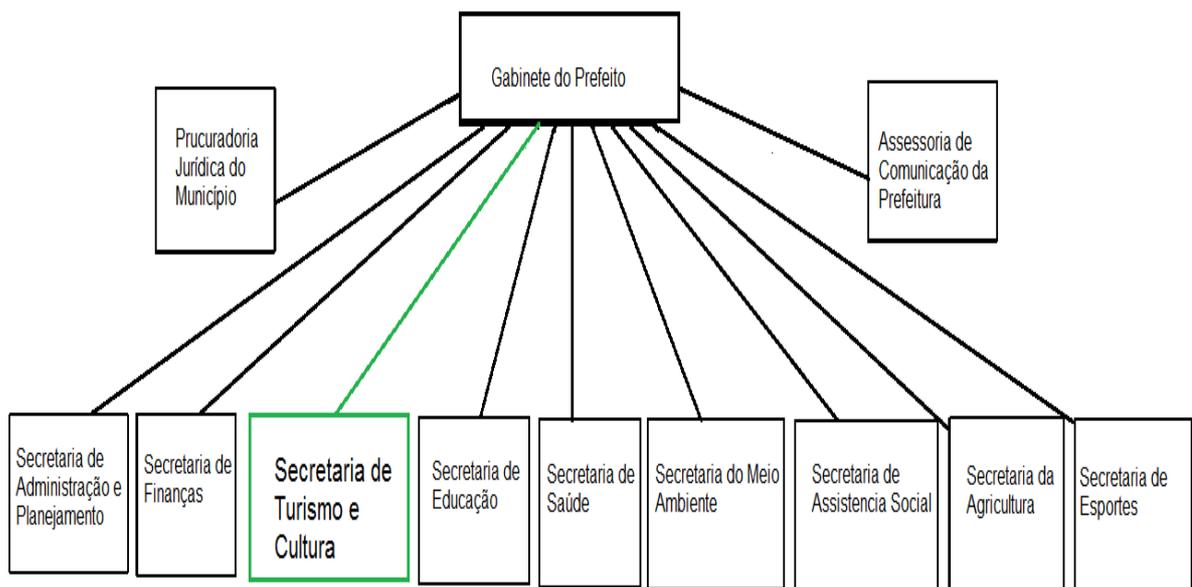
Os escritos revelam ainda que doze anos antes do tombamento dos casarões, com a Lei nº 190 de 30 de novembro de 1961, Lençóis passou a valorizar o turismo criando o Conselho de Turismo da cidade. Sobre esta informação Francisco Emanuel Matos Brito conta que:

A indicação do Turismo como alternativa econômica à decadência da atividade mineral foi feita pioneiramente pelo prefeito Olímpio Barbosa Filho depois de tentativas com a agricultura e a implantação de hortas. O prefeito teria ouvido em uma rádio de São Paulo que o prefeito de uma cidade do interior, cuja pecuária estava em crise, pedia melhoria das condições de receptividade das pessoas para facilitar a chegada de visitantes. Dessa notícia, partiu a ideia de que Lençóis tinha tradição e atração natural para explorar atividade turística. (BRITO, 2005, p. 117)

Em 1982 criou-se a Secretaria de Turismo da Cidade, que mais tarde recebeu a incorporação da Secretaria de cultura, formando a SECTUR. Assim, Lençóis passou a ter um órgão responsável pelo desenvolvimento da política municipal do turismo recebendo apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Em 1985 Lençóis conseguiu a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Atualmente, nas relações administrativas da prefeitura, as atividades são desenvolvidas pelas Secretarias correspondentes. Sendo cada Secretaria autoridade competente pela execução dos programas e observância das normas que governam a atividade local. Abaixo se encontra a estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Lençóis, constituída dos seguintes órgãos:

Figura 2 - Fluxograma Administrativo da Prefeitura de Lençóis



F

onte: Elaboração Própria com base no site da Prefeitura de Lençóis.

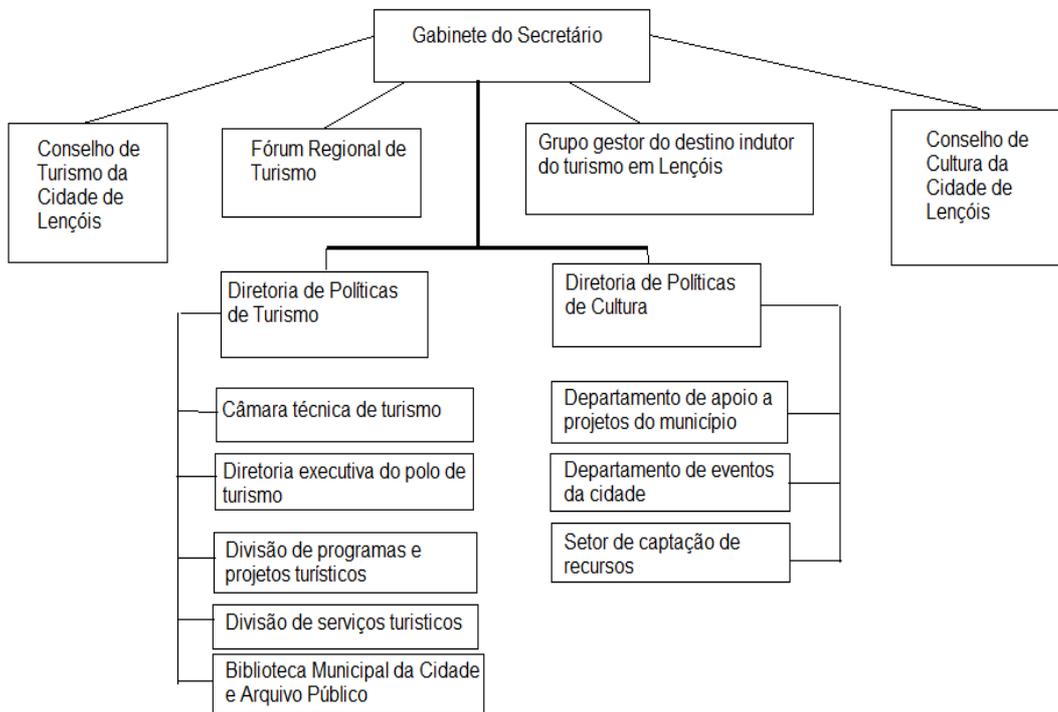
Na composição organizacional o poder executivo do município é exercido pelo Prefeito ou Vice-prefeito, auxiliado pelos Secretários. A administração municipal compreende uma administração direta com serviços oferecidos por cada Secretaria e uma administração indireta com serviços oferecidos por entidades dotadas de personalidade jurídica própria. São os casos das fundações, empresas públicas e empresas de economia mista que apoiam a gestão da cidade. Estas entidades vinculam-se à Secretaria competente para desenvolver projetos dentro de suas áreas de atividades.

A Secretaria de Turismo e Cultura de Lençóis (SECTUR) é uma das mais importantes dentre estas nove Secretarias que compõem a estrutura administrativa da cidade. Em sua participação a Secretaria fornece a maior parte dos serviços executivos da cidade que se destinam ao funcionamento das políticas públicas e a execução de apoio ao governo municipal.

Para isso a SECTUR conta com um quadro de apoio composto por órgãos estaduais como a BAHIATURSA e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), órgãos federais como o IBAMA, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a Fundação Nacional do Turismo (FENACTUR), Confederação Nacional do Turismo (CNTUR), Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA). Além de uma instituição chamada Associação Chapada Diamantina Convention & Visitors Bureau, composta por membros da ABETA, SEBRAE BAHIA, UEFS, Prefeituras Municipais de Mucugê, Palmeiras e Lençóis, e BAHIATURSA, que tem por objetivo implementar ações para atrair investimentos e novos fluxos de turistas e negócios para a região.

Na parte cultural a SECTUR também recebe apoio do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Lençóis (FUNPATRI), que é um órgão responsável pelo acompanhamento, fiscalização e supervisão das áreas de recuperação do patrimônio. Além de apoio gestor dos Conselhos Municipal de Turismo e de Cultura, formados por representantes do corpo administrativo da cidade, do Fórum Regional do Turismo e Grupo Gestor do Destino Indutor Chapada Diamantina, vinculado ao projeto de regionalização do turismo do governo federal. De acordo com o Secretário de Turismo e Cultura de Lençóis apenas a cidade de Rio de Contas apresenta uma composição política próxima à de Lençóis no que se refere ao turismo.

Figura 3 - Organograma da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Lençóis



Fonte: Elaboração Própria com base no material enviado pelo Secretário Delmar Araújo.

De acordo com as informações disponibilizadas pela SECTUR, os Conselhos de Turismo e de Cultura apoiam nas discussões pertinentes à participação em projetos dos governos federal e estadual. O Fórum Regional de Turismo que é composto por pessoas da SECTUR e demais Secretarias de turismo das cidades vizinhas existe, mas não desenvolve nenhuma política de turismo regional. O Grupo Gestor do Destino Indutor do Turismo em Lençóis, formado por pessoas da SECTUR, BAHIAATURSA, UEFS, entre outros, é responsável pelo desenvolvimento do projeto de regionalização do turismo na região. Já as Diretorias de Turismo e Cultura são responsáveis pela execução e controle das políticas implantadas pela Secretaria.

Através da composição político-administrativa apresentada para a cidade de Lençóis, observa-se uma organização política com grande força para a Secretaria de Turismo e Cultura e a participação dos Conselhos que contribuem para a tomada de decisões sobre o assunto. Contudo, observando a esfera turística da cidade, através dos relatos dos guias, brigadistas e dos empresários, parece que falta uma política estrutural de comunicação que facilite o envolvimento entre o setor público e os públicos fornecedores e consumidores do turismo

local. É visível também que faltam estratégias para construir uma relação com os municípios vizinhos, visando fortalecer os atrativos e a estrutura turística da região.

A estrutura administrativa de Lençóis encontra-se bem organizada no sentido de discutir as políticas e projetos que podem ser adotados para desenvolver o turismo da região. Além disso, a SECTUR se cerca de empresas e órgãos dos governos estadual e federal que apoiam as iniciativas e as atividades voltadas ao turismo e ao desenvolvimento local. Contudo, a grande maioria das cidades que estão ao redor de Lençóis e que também fazem parte da estrutura turística Chapada Diamantina não apresentam a mesma estrutura administrativa e nem recebem o mesmo apoio para desenvolver as atividades dentro de seus territórios.

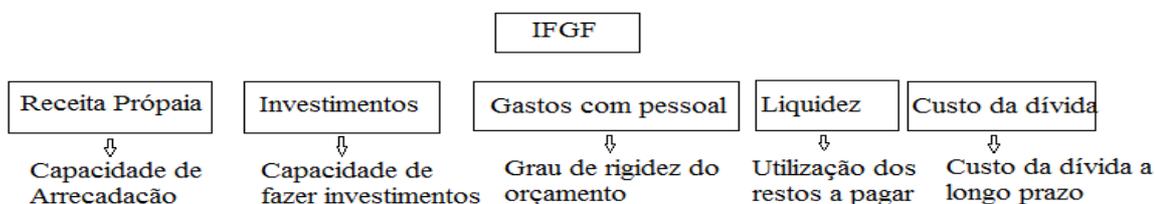
Percebe-se então que devido ao pouco valor econômico, social, político e ambiental que muitas cidades da Chapada Diamantina dão ao turismo, há poucos investimentos em infraestrutura e poucas iniciativas para angariar o apoio governamental e comunitário. Porém, identifica-se uma significativa preocupação dos agentes responsáveis pelos players de Lençóis com as questões tangentes à sazonalidade e a lucratividade dos empreendimentos. Talvez essa preocupação sirva como incentivo a uma integração entre as cidades visando o fortalecimento e a sustentabilidade da atividade em nível regional.

#### 4.2 ASPECTOS DA INFRAESTRUTURA LOCAL

O Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD) Brasil está produzindo neste primeiro semestre de 2013 o novo atlas de desenvolvimento humano do país com dados do Censo 2010. Por isso, até a publicação do atlas 2013, as informações do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDH-M) disponíveis para referência e uso são relativas ao atlas de desenvolvimento humano 2003. Nesse sentido, o trabalho utilizará o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM), criado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), por ser mais recente, para acompanhar a evolução socioeconômica dos municípios do roteiro Volta ao Parque Chapada Diamantina.

O índice é construído pelos cinco indicadores abaixo em conformidade com os parâmetros definidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), que tenta impor o controle dos gastos de estados e municípios, condicionado à capacidade de arrecadação de seus tributos.

Figura 4 – Composição do índice FIRJAN



Fonte: Elaboração própria com base no relatório FIRJAN-2012

Para a análise desse índice as cidades que se encontram acima de 0,8 pontos são consideradas com gestão excelente, as que estão entre 0,6 e 0,8 são de boa gestão, seguindo pelas que estão entre 0,4 e 0,6 de gestão em dificuldade, e as que estão abaixo de 0,4, com gestão crítica. Para o caso da Chapada Diamantina apenas as cidades de Ibicoara e Mucugê estão saindo da gestão em dificuldade para a boa gestão. Todas as outras compõem o quadro de gestão em dificuldade, sendo que Nova Redenção ainda está bem perto da gestão crítica.

Tabela 1 – IFDM 2012, mais saúde, educação e renda

Cidades	IFDM	Class. Chapada	Educação	Class. Chapada	Saúde	Class. Chapada	Emprego e renda	Class. Chapada
<b>Andaraí</b>	0,5014	7º	0,5167	7º	0,679	6º	0,3082	6º
<b>Ibicoara</b>	0,6228	<b>1º</b>	0,5927	5º	0,736	<b>1º</b>	0,5399	<b>1º</b>
<b>Iraquara</b>	0,5682	3º	0,6163	4º	0,711	<b>2º</b>	0,3772	3º
<b>Itaetê</b>	0,5035	6º	0,6402	<b>2º</b>	0,705	4º	0,1657	7º
<b>Lençóis</b>	0,5045	5º	0,4942	8º	0,673	7º	0,3458	4º
<b>Mucugê</b>	0,6091	<b>2º</b>	0,6219	3º	0,7	5º	0,5052	<b>2º</b>
<b>Nova Redenção</b>	0,429	8º	0,5792	6º	0,564	8º	0,1439	8º
<b>Palmeiras</b>	0,5618	4º	0,6423	<b>1º</b>	0,711	3º	0,3324	5º

Fonte: Elaboração Própria com base no sistema FIRJAN

O gráfico revela como estão os níveis de gestão, educação e saúde dos municípios, para uma análise entre eles. Observa-se que as cidades de Ibicoara, e Mucugê se posicionam bem melhores com relação à gestão municipal, pois elas se encontram à frente dos outros

municípios na maioria dos índices. Apenas em educação a cidade de Ibicoara se destoa da sua média, assim como Mucugê se destoa em saúde. Iraquara e Palmeiras encontram-se intermediárias para o IFDM e mais estruturadas para os indicadores de saúde e educação.

Educação também parece ser um ponto mais estrutural de Itaetê que não se posiciona bem para os outros índices como saúde e renda. Já Andaraí e Lençóis se posicionam com mais dificuldades para todos os índices. Contudo, estas ainda continuam à frente de Nova Redenção que se posiciona em último lugar no destino estudado.

A média brasileira do IFDM atingiu 0,7899 pontos em 2010, um crescimento de 3,9% em relação a 2009, mantendo-se na faixa de classificação de desenvolvimento moderado. Nesse sentido, observa-se que os municípios do destino estudado estão todos abaixo da média, inclusive, apenas os dois primeiros colocados na média geral que são Mucugê e Ibicoara estão na casa dos 0,6. Estes dados refletem dificuldade no desenvolvimento econômico dos municípios, sobretudo com relação a emprego e renda.

Para as categorias de educação e saúde os valores dos municípios também estão abaixo da média nacional. Nesse caso, em educação o município que mais se aproxima da média nacional é Palmeiras com 0,6423 contra 0,7692. Já na saúde em que os valores já demonstram uma melhora com algumas cidades chegando à casa dos 0,70 contra os 0,8091 da média nacional, os municípios destaque são Ibicoara e Iraquara. Contudo, todos eles ainda continuam abaixo da média, sobretudo, Nova Redenção com 0,564.

No geral o índice FIRJAN mostra que as cidades da Chapada Diamantina não estão desenvolvidas. Isto é fruto de uma baixa atividade econômica e poucos investimentos em projetos socioambientais, pois a maioria das cidades tem pouco comércio, e, quando tem, não são formalizados (o índice só considera empregos formais), ou porque as condições são precárias para buscar a formalização. Outro fator é a questão de boa parte das pessoas viverem no campo, trabalhando apenas para sua sobrevivência, sem nenhum tipo de assistência por parte dos gestores públicos.

A próxima tabela se refere a características demográficas e sociais com base nas estatísticas da SEI-BA 2011. Nela serão analisados valores correspondentes ao PIB e PIB *per capita*,

população, ocupação da população e transferências feitas pelos governos estadual e federal. Os dados servem para se ter uma ideia do quanto circula na economia de cada município.

Tabela 2 - Características demográficas e sociais dos municípios da Chapada Diamantina com base nas estatísticas dos municípios baianos.

Cidades	PIB milhões	PIB em %	PIB per capita	Pop urbe	Pop rural	Pop total	Princ. Ocupação	Transf. em milhões	Trans. %
Andaraí	41,6	5,54	2.858,54	7.770	6.178	13.948	Adm. Pública Agropecuária	8.123.622,90	12,877869
Ibicoara	<b>241,97</b>	32,2	<b>14.538,63</b>	10.980	6.321	17.301	Agropecuária Adm. Pública	<b>11.625.260,20</b>	18,428795
Iraquara	108,66	14,4	4.552,55	6.758	<b>15.849</b>	<b>22.607</b>	Adm. Pública Indústria	9.564.578,70	15,162126
Itaetê	49,72	6,63	3.402,00	6.213	8.719	14.932	Adm. Pública Agropecuária	7.964.627,40	12,625823
Lençóis	43,5	5,80	4.346,87	<b>8.037</b>	2.331	10.368	Serviços Adm. Pública	5.435.459,60	8,6164926
Mucugê	<b>204,19</b>	27,2	<b>13.958,15</b>	4.183	6.365	10.548	Adm. Pública Agropecuária	<b>10.379.284,70</b>	16,453628
Nova Redenção	27,38	3,65	2.956,13	5.237	2.797	8.034	Agropecuária Indústria Comércio	4.936.302,50	7,8252102
Palmeiras	32,74	4,36	3.916,96	5.237	3.171	8.408	Adm. Pública Comércio	5.052.907,60	8,0100569
<b>Total</b>	<b>749,76</b>	<b>100</b>	<b>50.529,83</b>	<b>54.415</b>	<b>51.731</b>	<b>106.146</b>	-	<b>63.082.043,60</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração Própria com base nos relatórios da SEI.

Através da tabela observa-se que o PIB para a região que compreende o destino turístico Volta ao Parque Chapada Diamantina é de 749, 76 milhões. Desse valor as cidades de Ibicoara e Mucugê, que apresentam a maioria de suas populações ocupadas em Administração Pública e Agropecuária, somam 59,50%, ou seja, mais da metade do PIB do conjunto de cidades estudadas. Isso revela que há uma concentração de renda na região. Aliás, tanto o PIB de Ibicoara como o de Mucugê são maiores que a soma dos PIBs de Nova Redenção, Palmeiras, Lençóis, Itaetê e Andaraí que dá 194,94 milhões.

O que explica esta concentração de recursos nestes dois municípios é o desenvolvimento de um Agropolo composto por 19 empreendimentos de pequeno, médio e grande porte que gera cerca de cinco mil empregos diretos. O Agropolo fornece 50% de todo o tomate e batata consumidos nos estados nordestinos, sendo que no pico da produção, saem da área 220 caminhões/dia, de 16 toneladas cada um.

A exploração de produtos como repolho, cebola, alho, abóbora, pimentão, feijão, maçã, ameixa, café e outros alimentos, no Agropolo, foi aprovada pelo Governo do Estado em Junho de 2012, na lei estadual de Meio Ambiente. O Estado ainda divulgou um modelo de licença conjunta com o desafio de realizar estudos ambientais na Chapada Diamantina, propor zoneamento econômico-ecológico e indicar as culturas e tecnologias que poderão ser aplicadas nas áreas. Nesta aprovação foi divulgado que o Agropolo será capaz de associar desenvolvimento e preservação com características de tecnologia moderna e industrial.

No caso de todas estas cidades estudadas, elas recebem transferências via Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e Imposto Sobre Serviços (ISS), além de recursos advindos de fundos para educação, saúde e agricultura familiar. Com isso é que elas mantêm a infraestrutura, sendo algumas mais avançadas para indicadores de renda e sociais e outras em dificuldade.

Sobre a estrutura de cada cidade a análise pode ser ainda melhor compreendida a partir da observação do índice GINI. O índice é relativo ao ano de 2010 e mede a desigualdade na distribuição de renda para os municípios estudados. Vale ressaltar que o índice mede o nível de igualdade próximo de zero e o de desigualdade próximo de 1.

Nesse sentido, a tabela abaixo revela as cidades que melhoraram sua distribuição de renda e as que pioraram durante o período compreendido entre 2000 e 2010. Para este caso, as cidades de Ibicoara, Itaetê, Andaraí e Nova Redenção evoluíram. Enquanto que em Lençóis, Mucugê e Iraquara a desigualdade na distribuição de renda aumentou, algo que pode ter contribuído para a aquisição de problemas estruturais. Já Palmeiras manteve sua quinta posição entre as oito cidades estudadas.

Tabela 3 – Índice de GINI para renda domiciliar *per capita* 2010.

<b>Município</b>	<b>2000</b>	<b>Classificação</b>	<b>2010</b>	<b>Classificação</b>
<b>Andaraí</b>	0,6471	8°	0,6017	6°
<b>Ibicoara</b>	0,5583	2°	0,4907	1°
<b>Iraquara</b>	0,5664	4°	0,6175	8°
<b>Itaetê</b>	0,6146	7°	0,5490	4°
<b>Lençóis</b>	0,6128	6°	0,6150	7°
<b>Mucugê</b>	0,4596	1°	0,5315	3°
<b>Nova Redenção</b>	0,5607	3°	0,5095	2°
<b>Palmeiras</b>	0,5863	5°	0,5834	5°

Fonte: Elaboração Própria com base no índice de Gini.

Neste trabalho o índice GINI está sendo utilizado para demonstrar como se encontra a diferença estrutural entre as cidades. Contudo, esta análise também pode ser feita para o contexto estadual e nacional. Mas, basta observar a quantidade de cidades com valores acima dos 0,5 para saber que a região ainda precisa se desenvolver muito e procurar maneiras de distribuir melhor os recursos produzidos por suas comunidades.

A próxima tabela refere-se aos índices apontados pela SEI, no ano de 2011, para mensurar a infraestrutura e o desenvolvimento social. Nesse quesito observa-se que a cidade de Lençóis já se posiciona bem melhor, pois apresenta maior parte de sua população vivendo na zona urbana e tendo como ocupação a atividade turística que tem sido favorecida, nos últimos anos, pelos investimentos feitos por órgãos financiadores do turismo no local.

Conta também a quantidade de associações que desenvolvem projetos voltados ao turismo e trabalhos sociais na comunidade. Um quesito que recebe muito mais atenção das lideranças comunitárias de Lençóis do que dos outros municípios da Chapada Diamantina.

Tabela 4 - Índices de Infraestrutura, desenvolvimento social e classificação das cidades

Cidades	INF	Classificação Bahia	Classificação Chapada	IDS	Classificação Bahia	Classificação Chapada
<b>Andaraí</b>	5.005,52	164°	3°	4.971,89	287°	8°
<b>Ibicoara</b>	4.978,74	240°	5°	4.980,62	247°	5°
<b>Iraquara</b>	4.985,37	214°	4°	4.985,89	230°	4°
<b>Itaetê</b>	4.955,30	302°	8°	5.005,20	157°	3°
<b>Lençóis</b>	5.101,76	<b>27°</b>	<b>1°</b>	5.043,20	<b>74°</b>	1°
<b>Mucugê</b>	4.976,09	250°	6°	4.978,50	254°	6°
<b>Nova Redenção</b>	4.968,23	272°	7°	4.976,03	265°	7°
<b>Palmeiras</b>	5.085,99	37°	2°	5.022,27	110°	2°

Fonte: Elaboração Própria com base nos relatórios da SEI.

INF – Índice de Infraestrutura

IDS – Índice de Desenvolvimento Social

De acordo com a SEI, na metodologia de cálculo deste indicador utilizou-se o método dos escores padronizados por se tratar de um método que permite a comparação dos indicadores entre si e em relação à média estadual. Assim, os municípios foram classificados em ordem decrescente, obtido através da média geométrica dos escores padronizados de cada um deles. Com a adoção da média de 5000, tem-se uma amplitude de escala onde todos os municípios podem ser diferenciados uns dos outros, evitando a superposição dos índices, o que acontece quando se usa uma escala de amplitude limitada.

A tabela anterior já demonstra que mesmo as cidades de Ibicoara e Mucugê obtendo maiores PIBs, recebendo maiores transferências dos governos e distribuindo melhor sua renda, elas não são lideranças em infraestrutura e desenvolvimento social. Segundo as informações disponíveis na SEI para o ano de 2011 são as cidades de Lençóis através da estrutura turística e Palmeiras, por conta da forte organização encontrada no Vale do Capão e da iniciativa do Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP), que preserva o Parque Nacional da Chapada Diamantina, as cidades mais estruturadas.

Inclusive, são nestas duas cidades que se encontram uma maior quantidade de associações e equipes voltadas a brigadas contra incêndios, apoio às famílias carentes da região e desenvolvimento de projetos educativos sobre a importância da conservação do Parque. Estes fatores, certamente, estão contribuindo para o índice de desenvolvimento social.

Dessa forma, o estudo apresenta que em termos de gestão pública, nível de renda e igualdade social, Ibicoara e Mucugê são as referências, contudo em infraestrutura e projetos sociais as cidades que se destacam são Palmeiras e Lençóis. Para os outros municípios, Iraquara, Itaetê e Andaraí posicionam-se de forma mediana, com alguns destaques para um ou dois setores sociais. Enquanto que Nova Redenção vive em dificuldade apresentando benefícios apenas na distribuição de renda.

Sobre Lençóis, para atender a infraestrutura montada para o turismo, a cidade dispõe de cerca de 3.000 leitos, sendo 54 estabelecimentos de hospedagem e cerca de 100 estabelecimentos de alimentos e bebidas. Dentre os meios de hospedagens há três grandes hotéis, sendo dois deles os primeiros sustentáveis do país. São vinte e quatro agências de turismo receptivo que atendem toda a extensão da Chapada Diamantina e seis estabelecimentos de saúde, sendo dois particulares e quatro públicos.

Também se encontra nas proximidades da cidade o Aeroporto Regional Cel. Horácio de Matos, a 22km de Lençóis saindo de Salvador. O Aeroporto recebe voos aos sábados nos seguintes horários: Salvador (SSA) /Lençóis (LEN) 14h:00m com duração de aproximadamente 45 minutos. Lençóis (LEN) /Salvador (SSA) 15h:15m com a mesma duração. As aeronaves disponibilizadas pela Trip Linhas Aéreas é um ATR 72, com capacidade para 66 a 68 passageiros, peso máximo decolagem 22 toneladas, peso máximo pouso 21,35 toneladas, teto operacional 25 mil pés e Velocidade de cruzeiro 470 km/h.

Entretanto, de acordo com relatos colhidos as condições dos estabelecimentos de saúde são insatisfatórias. Geralmente a segurança médica dos turistas nas trilhas fica por conta da orientação e apoio dos guias locais. Quando necessário eles acionam o socorro prestado pelas brigadas de incêndio, que conhecem mais os lugares, e do Corpo de Bombeiros de Lençóis. Resgates com helicóptero são solicitados na cidade de Salvador e pode durar até 24 h.

Aliás, o fato mais impressionante da infraestrutura da maioria das cidades da Chapada Diamantina é que em seus hospitais e postos de saúde não há ortopedistas de plantão. Eles trabalham nas cidades em dias marcados atendendo a população para simples consultas. Caso alguém precise de um tratamento mais especializado o socorro é a cidade de Feira de Santana que se encontra a 300 km de Lençóis.

Estes problemas de assistência de saúde poderiam ser amenizados caso as trilhas fossem de fácil acesso. Contudo, em boa parte das trilhas, em vez de o turista observar o ambiente e as riquezas naturais ele precisa destinar seu foco visual para a estrada, pois na maioria delas os trajetos são repletos de pedras escorregadias, altas, para subidas e descidas, sem apoio de cordas ou corrimão. Sobe-se pelas rochas se engatinhando ou apoiando em outras pessoas. Esse detalhe requer uma atenção total na trilha para evitar que o visitante tenha uma queda, uma luxação.

A circulação entre os atrativos também é algo que está fora do padrão de desenvolvimento. Todos os roteiros são distantes uns dos outros e não existem ônibus ou qualquer outro meio de transporte capaz de transportar as pessoas entre Lençóis e as cidades vizinhas. Os poucos ônibus que entram na cidade de Lençóis pertencem à empresa Real Expresso e faz a linha Salvador Chapada Diamantina com destino final em Seabra. Este ônibus entra nas cidades de Lençóis e Palmeiras, durante três vezes no dia. A Empresa de Transportes Macaubense (EMTRAM), outra empresa que faz este trajeto entre Salvador e Chapada Diamantina, não entra em Lençóis nem em Palmeiras passando apenas pelas cidades de Seabra e Iraquara.

No quesito segurança a Chapada Diamantina é assistida pela Base Operacional da Companhia de Policiamento Especializado do Semiárido (CIPE), localizada no município de Andaraí.

### 4.3 ASPECTOS ECONÔMICOS VINCULADOS AO TURISMO DA BAHIA E DA CHAPADA DIAMANTINA

Em 2011, a BAHAITURSA encomendou uma pesquisa junto à Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE), e nela o fluxo de brasileiros de outros estados que visitaram a Bahia somaram 5.291.242 (5,29 milhões), contra 4,08 milhões de 2009, número que representa um crescimento de 29% em dois anos. Além disso, o fluxo de estrangeiros que visitaram a Bahia somaram 558 mil, contra 514 mil de 2009, o que representa um crescimento de 8%, em dois anos. A pesquisa demonstra ainda o fluxo de baianos que viajaram pelo próprio Estado somando 5.301.699 (5,3 milhões), dando um fluxo total de 11.015.000 (onze milhões e quinze mil) turistas, (brasileiros, estrangeiros e baianos viajando pelo próprio Estado), contra 9,05 milhões de 2009, o que representa um crescimento no setor turístico de 19% em dois anos.

Para turistas nacionais e locais, Salvador e Litoral Norte receberam 41,6% dos turistas. Porto Seguro é o segundo destino mais visitado, com 9%, depois vem Ilhéus (4,3%), Prado (3,8%), Praia do Forte (3,5%), Morro de São Paulo (3,4%), Arraial D'Ajuda (3,3%), Costa do Sauípe (2,9%), Imbassaí (2,7%), Marau (2,5%), Itacaré (2,2%), Lençóis (1,8%) e Trancoso (1%).

Para turistas internacionais a demanda muda e lugares como Lençóis também se destacam. Dos 558 mil estrangeiros que visitaram a Bahia, Salvador e Litoral Norte somam 79,9%, contudo os dados não distinguem o fato da capital baiana ter o principal aeroporto do Estado e ser o principal portão de entrada. Em seguida aparece Porto Seguro, com (10,7%), depois Marau (9,8%), Cairu (9,3%), Lençóis (8,9%), Itacaré (7,7%), Costa do Sauípe (5,9%), Trancoso (5,8%), Ilhéus (5,7%), Arraial D'Ajuda (5,0%), Praia do Forte (3,6%), Imbassaí (3,4%), e Morro de São Paulo (1,4%).

Na pesquisa os turistas nacionais apresentaram um gasto médio local de R\$ 1,08 mil (2011) e R\$ 855 (2009), enquanto que os gastos estrangeiros representaram uma média de R\$ 2,3 mil (2011). A composição destes gastos também foi revelada e estão distribuídos na próxima tabela.

Tabela 5 - Composição dos gastos médios dos turistas domésticos e internacionais na Bahia para o ano de 2011.

Serviço	Doméstico %	Internacional %
Hospedagem	32,8	27,2
Alimentação	13,9	18,9
Compras pessoais	12,9	16,5
Atrativos e passeios	11,3	12,8
Diversão noturna	10	9,7
Transporte local	7,4	7,4
Outros	11,7	7,1
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração Própria com base na Setur/Bahiatursa.

A tabela revela que os turistas domésticos apresentam seus maiores gastos em hospedagem. Este quesito recebe o dobro dos gastos sendo seguido pela alimentação e compras pessoais. Já no caso dos turistas internacionais seus gastos também são na maior parte para hospedagem, mas eles consomem bem a parte de alimentação, compras e dos atrativos. Com estes resultados a região da Chapada Diamantina pode investir em infraestrutura hoteleira e alimentícia para dar suporte à atividade e gerar renda aos moradores locais.

Segundo dados da Superintendência de Investimentos em Polos Turísticos (SUINVEST), desde o ano de 1991 foram programados investimentos públicos na área de U\$S 2,4 bilhões para as onze zonas turísticas da Bahia, incluindo os investimentos já realizados, os que estão em execução e os que ainda estão em projetos. Estes dados são de 2010 e estão melhores distribuídos na tabela abaixo.

Tabela 6 - Investimentos públicos nas zonas turísticas da Bahia – Janeiro 1991 a Dezembro 2010.

Recursos Aplicados (U\$S 1.000.000,00)				
Zona Turística	Concluídos	Execução	Projetos	Total
Costa dos Coqueiros	132.905	3.818	49.495	186.218
Baía de Todos os Santos	901.448	55.763	86.063	1.043.274
Costa do Dendê	36.154	12.500	77.638	126.292
Costa do Cacau	110.846	11.191	112.107	234.144
Costa do Descobrimento	150.172	-	92.597	242.769
Costa das Baleias	45.092	390	91.022	136.504
<b>Chapada Diamantina</b>	<b>125.755</b>	<b>7.237</b>	<b>98.797</b>	<b>231.789</b>
Lagos do São Francisco	25.267	5.559	2.770	33.596
Caminhos do Oeste	15.951	1.841	-	17.792
Vale do Jequiriçá	21.270	159	-	21.429
Caminhos do Sertão	4.302	-	-	4.302
Outras	137.841	-	-	137.841
<b>Total</b>	<b>1.707.003</b>	<b>98.458</b>	<b>610.489</b>	<b>2.415.950</b>

Fonte: Elaboração própria com base na tabela Setur/Suinvest.

Estes investimentos públicos foram aplicados em obras de infraestrutura básica, distribuídos nos setores de energia elétrica, transportes, saneamento, recuperação do patrimônio histórico, sistema aeroportuário, recuperação urbanística, limpeza urbana e preservação ambiental. Observa-se que na Chapada Diamantina dos 231.789 milhões disponíveis, 54,25%, mais da metade, já haviam sido aplicados em projetos.

Com relação aos investimentos em empreendimentos privados eles foram aplicados em oito zonas turísticas. Destas já haviam sido concluídas 31.882 Unidades de Hospedagens (UHs), envolvendo mais de US\$ 1 bilhão. Do que foi previsto em UHs, 57,4% já haviam sido concluídos, perfazendo 27,4% dos recursos. Os recursos disponíveis para os investimentos chegam a quase US\$ 4,3 bilhões em 55.500 UHs, na Bahia, para o período de janeiro de 1991 a dezembro de 2010.

Tabela 7 - Investimentos privados nas zonas turísticas – Bahia – Janeiro 1991 a Dezembro 2010.

Zona Turística	Concluídos		Execução		Projetos		Total	
	UHs	U\$S	UHs	U\$S	UHs	U\$S	UHs	U\$S
Costa dos Coqueiros	6.321	398.669	1.544	155.700	4.784	306.976	12.649	861.345
Baía de Todos os Santos	6.487	288.367	1.790	114.117	2.473	217.213	10.750	619.697
Costa do Dendê	2.133	35.438	-	-	-	-	2.133	35.438
Costa do Cacao	3.383	78.496	94	41.200	6.296	666.000	9.773	785.696
Costa do Descobrimento	8.779	279.793	605.000	5.779	1.508,9	0	14.618	1.793.743
Costa das Baleias	2.492	53.440	76	1783	552	58.050	3.120	113.273
<b>Chapada Diamantina</b>	<b>1.142</b>	<b>18.350</b>	<b>20</b>	<b>200</b>	<b>150</b>	<b>30.000</b>	<b>1.312</b>	<b>48.550</b>
Caminhos do Sertão	178	1.710	-	-	-	-	178	1.710
Outros	967	14.835	-	-	-	-	967	14.835
<b>Total</b>	<b>31.882</b>	<b>1.169,09</b>	<b>3.584</b>	<b>318.000</b>	<b>20.034</b>	<b>2.787.1</b>	<b>55.500</b>	<b>4.274.287</b>

Fonte: Elaboração própria com base no Setur/Suinvest.

Observa-se na tabela que a zona turística Chapada Diamantina está bem abaixo das outras regiões, mas houve alguns investimentos no setor privado local, sobretudo, na cidade de Lençóis. Inclusive, foram através de investimentos privados que em Lençóis se desenvolveram o primeiro e segundo Hotel Sustentável do Brasil.

O Hotel Canto das Águas recebeu a certificação da ABNT que lhe garantiu o título de primeiro Hotel Sustentável do Brasil. A iniciativa influenciou outros estabelecimentos e o Hotel Lençóis, pouco tempo depois, tornou-se o segundo Hotel Sustentável do Brasil. Com a conquista, Lençóis passa a ter um grande diferencial entre os empreendimentos do segmento.

Para a conquista do prêmio, os estabelecimentos adotaram iniciativas de apoiar organizações sociais da comunidade e eventos locais. Além disso, promoveram o aperfeiçoamento profissional de seus colaboradores, deram preferência para a compra de produtos locais, estimulando o desenvolvimento da região; realizaram a separação dos resíduos sólidos; transformaram o lixo orgânico em composto para o jardim e utilizaram energia solar e reaproveitamento de água. Estes foram alguns dos critérios avaliados pelos auditores para certificar os estabelecimentos.

Mas nem tudo é harmonia no ramo empresarial de Lençóis. Isto porque os empresários reclamam da falta de iniciativa dos gestores públicos na divulgação do turismo da região e na realização de eventos que atraia turistas na época da sazonalidade. Sobre essa reclamação o Secretário de Turismo e Cultura de Lençóis, Delmar Araújo, informou que a participação em eventos tem aumentado com a adesão aos programas do Ministério do Turismo e alguns eventos já são realizados. Mas, os próprios empresários não estabelecem contato com outros empreendimentos fora da região e esperam muito o apoio da gestão pública municipal.

Justamente sobre esse quesito da divulgação, a pesquisa da FIPE também revelou os principais fatores de influência para a venda dos serviços de turismo de Lençóis, tanto para o visitante doméstico quanto para o internacional. Os resultados estão na tabela abaixo e revelam que para os turistas domésticos as formas de venda que mais se destacam são comentários de amigos e parentes; depois a passagem de informação se equilibra entre turistas que já conheciam o destino, local onde trabalha, e internet, sendo os maiores pontos de divulgação. Já para os turistas internacionais os elementos principais são comentários de amigos e parentes, internet e guias turísticos impressos. Nesse sentido, os ofertantes necessitam de ações diferentes para os dois públicos.

Tabela 8 Principais fatores de influência para a venda dos serviços de turismo de Lençóis

<b>Principal fator de influência</b>	<b>Turista doméstico %</b>	<b>Turista internacional %</b>
<b>Comentários de amigos e parentes</b>	46,1	44,5
<b>Já conhecia o destino</b>	16,4	6,9
<b>Local onde trabalha</b>	14,7	4,3
<b>Internet</b>	10,2	26,6
<b>Agências de viagens</b>	3,5	4,3
<b>Feiras, eventos</b>	3,3	0,6
<b>Guias turísticos impressos</b>	1,9	10,2
<b>Outros</b>	3,9	2,6

Fonte: Elaboração Própria baseada na FIPE 2011

Com relação à internet que é um dos veículos utilizados para divulgação dos atrativos e serviços da Chapada Diamantina pelo mundo também há uma diferença no que se refere a aceitação do público. Observa-se que assuntos referentes a redes sociais são instrumentos de divulgação mais doméstica enquanto que páginas de movimentos culturais como o São João e Carnaval funcionam mais como divulgação internacional.

Tabela 9 – Divulgação do turismo na Chapada Diamantina via Internet

<b>Principal referência na internet</b>	<b>Turista doméstico %</b>	<b>Turista internacional %</b>
<b>Sites e Blogs</b>	77,3	82,9
<b>Redes Sociais</b>	8,9	2,5
<b>Sítio Portal do Município</b>	3,2	0,0
<b>Site Oficial do São João da Bahia</b>	2,6	8,2
<b>Site Oficial de Turismo</b>	2,5	2,7
<b>Outros</b>	5,6	3,7

Fonte: Elaboração Própria baseada na FIPE 2011

A chegada destes turistas na cidade acontece muito por forma de viagem de família ou grupos com pessoas conhecidas. Geralmente as viagens em famílias são compostas por crianças, jovens, idosos e eles consomem a parte do turismo mais dedicada ao passeio. De acordo com os guias locais eles desejam atenção, receptividade e não abrem mão da qualidade nos serviços. Outro perfil dos visitantes de Lençóis são o dos jovens que viajam sozinhos ou acompanhados de amigos buscando as atividades de aventura. Segundo informações passadas pelas agências locais, são os turistas que mais retornam à cidade realizando viagens sem planejamento prévio.

Em geral, os turistas de Lençóis quando não são acompanhados por guias costumam poluir o ambiente. Por isso, a importância da sistematização de visitas aos atrativos por meio de agências e acompanhamento de guias. Os problemas se agravam ainda mais quando eles chegam em grupos maiores. Por isso, mesmo sendo acompanhados, os guias recomendam que

eles sempre se dividam em grupos menores quando vão visitar os locais para evitar o descontrole e práticas de ações que prejudiquem a sustentabilidade ambiental.

Do ponto de vista econômico, os principais segmentos do mercado turístico da Chapada Diamantina são o Ecoturismo e o Turismo de Aventura. Segundo o Ministério do Turismo, em relação a estes segmentos, a Chapada Diamantina é a que mais contempla o turista por conta da diversidade potencial de seus atrativos. Contudo, por alguns problemas de organização regional e até mesmo de divulgação, os destinos perdem espaço para outros lugares como Bonito – MS, Brotas – SP, Fernando de Noronha – PE, etc.

#### 4.4 CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTOS TURÍSTICOS DE LENÇÓIS E REGIÃO<sup>4</sup>

De acordo com o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), entende-se por produtos turísticos os atrativos, objetos ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los. Nesse sentido, os atrativos turísticos explorados por Lençóis apresentam-se em três categorias: atrativos naturais, atrativos histórico-culturais e manifestações tradicionais e populares.

Destas categorias a mais complexa é a de atrativos naturais, pois se trata de uma região muito rica em recursos desse porte. É provável que, ao menos em termos de variedades de cenários e de modalidades, não haja no Brasil lugar com mais opções de aventuras na natureza. São 30 cachoeiras de diferentes tamanhos, mais de 40 opções de trilhas e 200 cavernas espalhadas por vários municípios da região.

Falar dos inúmeros atrativos naturais, então, requer uma organização. Dessa forma, para facilitar o entendimento será feita uma análise dos atrativos em uma classificação de acordo com o roteiro Volta ao Parque Chapada Diamantina. Este roteiro foi lançado pela Bahia, no 4º Salão do Turismo – Roteiros do Brasil, realizado pelo MTUR, no Anhembi-SP, 2009, para mobilizar, promover e comercializar roteiros turísticos desenvolvidos a partir das diretrizes e dos princípios do Programa de Regionalização do Turismo.

---

<sup>4</sup>Imagens sobre os atrativos da região no Anexo-D

A análise destes atrativos será feita de acordo com as cidades em que eles se encontram, sem fugir, claro, dos trechos mais utilizados pelas Agências de turismo de Lençóis. Esta foi uma possibilidade encontrada para demonstrar a potencialidade dos atrativos e o envolvimento da cidade com o turismo. Pois, após as visitas realizadas foi possível observar que a concentração do turismo em Lençóis e a falta de integração dos outros lugares com a atividade também tem sido um obstáculo tanto para o desenvolvimento como para a sustentabilidade da região.

O Roteiro Volta ao Parque Chapada Diamantina é constituído pelas seguintes cidades: Andaraí, Iraquara, Ibicoara, Itaetê, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Lençóis. Nessa ordem, a caracterização geral dos produtos turísticos de Lençóis e Região será feita.

#### 1 Cidade de Andaraí;

Em Andaraí encontra-se a partida para um dos roteiros mais famosos da Região, o Vale do Paty. Trata-se de uma trilha encravada no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina, composta por uma sucessão de serras e vales. O local é considerado mundialmente um dos melhores para a prática de trekking, pois possui uma trilha que dura de três a sete dias passando pela Cachoeira do Funil, Morro do Castelo, Cachoeirão e chegando aos povoados de Guiné e Capão, no município de Palmeiras. Durante o verão é a época que este roteiro é mais utilizado por conta dos períodos chuvosos que deixam as cachoeiras cheias e a mata verde. Mas, por conta do longo caminho e da difícil localização, o percurso só pode ser realizado com a presença de um guia.

Outros locais explorados para o turismo em Andaraí são as Cachoeiras do Roncador, Ramalho e Donana. Ambientes bastante explorados que diminuem o volume de águas nos meses de Agosto a Outubro por conta do desequilíbrio ambiental. Além disso, se encontram trechos da APA Marimbus/Iraquara com exploração turística no Rio Garapa e a Vila de Iगतú, que funciona como um museu vivo do garimpo chapadense.

Composto por ruínas e casas garimpeiras feitas de pedras e tombadas pelo Patrimônio Nacional, o pequeno povoado de Iगतú, com cerca de 370 pessoas, vive do turismo cultural e do turismo de aventura, através da preservação dos tempos áureos do diamante no acervo arqueológico e museológico. Trata-se de um lugar rico em cachoeiras e rios propícios para a

prática de montanhismo e escalada. Igatú também possui bares tradicionais, pousadas e restaurantes de comida caseira.

De volta a Andaraí, observa-se que a cidade não vive tanto do turismo como Lençóis. As principais atividades econômicas são o setor primário, através da agricultura de subsistência, seguido do setor terciário com a presença do comércio e dos serviços. A cidade tem bons hotéis, esgotamento sanitário em fase de construção e coleta de lixo realizada diariamente pela prefeitura. O problema, como em muitas cidades da Chapada Diamantina, encontra-se na destinação final do lixo, que além de assolar o solo através do chorume pode afetar a bacia hidrográfica do Paraguaçu, através dos rios Santo Antônio e Roncador.

No ano de 2011 foi concluída uma etapa da reforma programada para o Hospital Municipal de Andaraí, com investimentos de R\$277 mil. Nesta reforma foram recuperadas oito enfermarias, incluindo a pediátrica, a sala de parto e berçários, totalizando 42 leitos. Além do hospital, em Andaraí e em muitas cidades da Chapada Diamantina foi iniciada a implantação da sinalização turístico-rodoviária. No projeto, desenvolvido pela Secretaria de Turismo da Bahia (SETUR), contém a instalação de 126 placas nas rodovias: BR-116 (a partir Feira Santana); BR-407; BA-026; BA-046; BA-052; BA-142 e BA-148. Foram investidos cerca de R\$ 200 mil para fabricação e instalação das placas. As sinalizações vão contar com dados sobre distância rodoviária para as cidades e também os nomes dos municípios.

Outro benefício para Anadará é a restauração e pavimentação do trecho da rodovia BA-142, de 184 quilômetros de extensão, que liga os municípios de Barra da Estiva, Mucugê, Andaraí e a BR-242. Para isso, foram feitos investimentos do governo estadual na ordem de R\$ 11,4 milhões. Além destas melhorias para atrair os turistas, a cidade também aposta em algumas manifestações culturais como o Terno de Reis, a Festa do Divino, a Marujada e o Jarê (espécie de candomblé da Chapada). Mas, estes eventos em si não são capazes de manter os turistas na cidade, a não ser que eles já sejam conhecidos.

## 2 Cidade de Iraquara

É uma das cidades vizinhas a Lençóis, que também foi fundada na época do garimpo, mas hoje é conhecida mesmo por possuir a maior concentração de grutas da América Latina. Trata-se mais de uma cidade de visitação do que de estadia e este é um dos fatores que faz

com que sua comunidade não seja tão envolvida com o turismo, sobretudo, no quesito preservação. Geralmente os visitantes se hospedam em Lençóis e visitam os três principais pontos turísticos da cidade, que são a Fazenda Pratinha, Gruta da Torrinha e Gruta da Lapa Doce, durante o dia.

Iraquara é uma cidade recomendada por quem explora cavernas por conta dos espeleotemas<sup>5</sup>, raros em todo o mundo. Na Gruta da Torrinha, a mais completa em formações calcárias da América do Sul, que desafia o conhecimento de experientes geólogos do mundo inteiro, há três roteiros por meio dos vários salões internos. Nestes roteiros encontram-se espeleotemas em formação de estalactites, estalagmites, pinturas rupestres, agulhas de gipsita e a maior flor de aragonita do mundo (uma flor natural feita de pedra). A Lapa Doce é menos famosa, mas também é muito visitada pelos turistas por conter formações de estalactites enormes.

Geralmente são locais bem preservados por conta de não estarem tão expostos às ações corriqueiras do homem. As ameaças ao ambiente acontecem quando as pessoas não respeitam as orientações passadas pelos guias e tocam em objetos dentro da gruta. As gorduras deixadas pelo suor das pessoas nas rochas retardam seu processo de crescimento, por isso, a visita tem que ser sempre guiada.

Os atrativos de Iraquara são explorados pelas famílias donas dos territórios. Eles costumam empregar pessoas que moram próximas ao local, mas em termos turísticos pode-se dizer que a cidade mais consome do que vive da atividade. As famílias também costumam cobrar uma taxa para frequentar os locais que são utilizadas para pagar os guias e manter os ambientes.

No caso da Gruta Azul e Pratinha se paga R\$ 15,00 por pessoa para a “taxa de manutenção”. Com essa taxa o visitante frequenta o Lago Pratinha, as Grutas Mané Ioiô e Azul. No espaço do Rio e das Grutas é possível realizar algumas atividades como Tirolesa, Mergulho e Flutuação, mas todas são pagas fora do preço da entrada. No local há também um restaurante da Família Solon, uma loja de produtos artesanais e banheiros para os visitantes.

---

<sup>5</sup>Espeleotemas – deposições minerais em cavernas originados por processos químicos de dissolução e precipitação.

O lugar é muito bonito e visitado por turistas durante o ano todo. Dentro da Gruta Azul, há locais em que o sol bate na água por meio das fendas e pode-se perceber que a água é incrivelmente azulada. De acordo com os guias locais este é um aspecto formado pela presença de minerais. Mas, para se ter esta visão é preciso visitar a gruta entre 11 h e 13 h, período em que os raios de sol ilumina o local.

Por conta da alta procura no local, há cerca de dois anos o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), teve que fechar uma parte do Lago Pratinha, para o acesso do turista, por conta do desequilíbrio natural no processo de procriação dos peixes. Os responsáveis também foram notificados e tiveram que adotar medidas de conservação mais sustentáveis para o lugar. Dentre estas medidas estão a construção de uma fossa séptica no restaurante, maiores cuidados com as áreas ao redor das margens do Rio Pratinha, sobretudo, com a plantação de roça que era feita pelo proprietário do local e combate de mosquitos que infestavam o local após os períodos de chuva.

Iraquara é uma das cidades com vasto potencial turístico da Chapada Diamantina que pouco usufrui de seus atrativos. Economicamente a cidade também sobrevive do setor primário com a agricultura de subsistência, seguida da indústria que aumentou nos últimos anos com a presença de uma fábrica de Biodiesel. Já no quesito preservação da natureza a cidade anda mal com a presença de uma rede de esgoto poluindo o ambiente que dá acesso a alguns rios e lixo depositado em terreno baldio com dejetos hospitalares.

Como incentivo à atividade turística, em 2007 foi realizado o Festival de Vídeo Ambiental da Cidade de Iraquara. Uma iniciativa pioneira em termos de vídeos ambientais na Chapada Diamantina que foi muito bem recebida pela população local e pelos visitantes. Na época o então prefeito da cidade Walterson Ribeiro Coutinho mobilizou toda a Chapada Diamantina e contou com uma estrutura montada pela TVE-BA e Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), para construir o festival. Uma atividade voltada ao turismo da região que poderia ter dado muito certo e fortalecido o desenvolvimento da atividade, contudo, o Festival acabou sendo abandonado pela falta de apoio do governo e das cidades vizinhas.

Inclusive, segundo informações de pessoas envolvidas com o turismo nas grutas da Torrinha e Lapa Doce, tal projeto não foi à frente porque se tinha interesse de implantar este festival em Lençóis pelo fato da cidade atrair mais turistas. Uma prática que em vez de contribuir para

fortalecer o turismo nas outras cidades e incentivar as pessoas a se envolverem com a atividade, favorece sua concentração em Lençóis e desinteresse do povo de Iraquara, em todos os quesitos que envolvem o desenvolvimento regional.

No quesito infraestrutura a cidade conta com o Hospital Américo Chagas, um dos mais equipados da região que funciona de forma privada, mas tem parceria com a Prefeitura e o Governo do Estado. Conta também com acesso mais fácil aos atrativos e estradas mais conservadas do que muitos roteiros turísticos da Chapada Diamantina. Mas, há sérios problemas com a destinação final do lixo, com o combate aos focos de incêndio e com o engajamento da esfera pública e privada no setor turístico regional.

## 2 Cidade de Ibicoara

Situada no extremo sul da Chapada Diamantina e com um turismo ainda incipiente, Ibicoara apresenta um dos acervos turísticos mais ricos da Região. São muitas cachoeiras de diferentes tamanhos e formatos que chamam atenção pela composição dos ambientes. Na mais famosa delas, a Cachoeira do Buracão, são 85 metros de queda d'água enchendo um poço gigante. Este poço é formado pelas paredes de um Canyon sinuoso que deixa o ambiente ainda mais bonito. Segundo informações do guia João Alves, que se destaca pelos trabalhos realizados na cidade e pela Associação dos Condutores de Visitantes de Ibicoara, esta é a cachoeira mais visitada da Chapada Diamantina durante o ano.

Além dela, outros pontos como a Cachoeira da Fumacinha, de 290 metros de altura, causam impacto nos turistas por conta de sua composição. Para se ter uma ideia, na chegada a esta cachoeira as pessoas se deparam com um Canyon com mais de 200 metros de altura e paredões verticais de quase 7km de extensão. Por conta disso, o passeio só pode ser feito nas épocas em que o rio não está cheio. Nos períodos de cheia outros lugares como a Cachoeira do Rio Preto, Véu de Noiva e Licuri são utilizados por serem bons para banho e apresentarem uma composição ambiental que chama a atenção dos turistas.

Ibicoara fica devendo em relação à hospedagem por conta das pousadas extremamente simples. Por isso, os turistas geralmente se alojam em Mucugê ou Lençóis e visitam a cidade durante o dia. Além disso, outro fator negativo é que as cachoeiras se encontram distantes da cidade, sendo 30 km para o Buracão e 34 km para a Fumacinha, ambas com estrada ruim.

Também só é possível ter acesso a estes locais por meio de guias da cidade, pois não há trilha definida e os lugares mais bonitos são de difícil acesso.

Aliás, nos quesitos estruturais a cidade encontra-se em situação de emergência no sistema de saúde, com carros parados em frente aos órgãos públicos por falta de reparo. O lixo da cidade nem sempre é recolhido pelos agentes da prefeitura e o destino é o mesmo exercido por outras cidades, ou seja, depositado em terreno baldio que contribui para poluição dos lençóis freáticos.

Mesmo diante de muita riqueza natural poucas pessoas vivem do turismo em Ibicoara. Pela falta de estrutura com poucas pousadas e de elementos culturais que prendam os visitantes, as pessoas procuram outros meios de sobrevivência como o agronegócio. Além disso, não há uma interação entre as instâncias públicas do município com outros destinos, como a cidade de Lençóis, quanto à elaboração de políticas que visem desenvolver o turismo da região.

### 3 Cidade de Itaetê

Itaetê é uma cidade de beleza rara, localizada às margens do Rio Paraguaçu e conhecida por apresentar um roteiro turístico que chama a atenção. A cidade é indicada para os visitantes que desejam interação com a natureza, história e cultura.

O atrativo mais visitado de Itaetê é o Poço Encantado. Uma caverna em formato de dolina (depressão externa formada por erosão de material calcário), em que a luz azul refletida pelos vários minerais presentes na água cria um espetáculo único, deixando o poço todo transparente. Esse aspecto é melhor compreendido durante os meses de abril e setembro quando o alinhamento da fenda com o sol faz com que os raios de luz atinjam o fundo do poço que se reflete no teto da caverna. Nas noites de lua cheia, entre os meses de outubro e março, é o luar que provoca o efeito entre as dez horas da noite e às duas da manhã.

Para se chegar ao Poço Encantado anda-se por 17 km após uma placa indicativa na estrada de Itaetê. Este trecho é composto por uma via estreita e asfaltada até chegar na fazenda de Miguel Mota, guia responsável pelo local, que recebe orientação do Ibama sobre preservação e sustentabilidade do lugar. Miguel é responsável, inclusive, pelo número de visitantes dentro

da caverna que é limitado durante o dia para evitar danos à natureza. Os banhos no poço também são proibidos.

O acesso à gruta tem nível médio de dificuldade sendo que inicialmente desce por uma longa escadaria até a boca da caverna, quando o visitante enfrenta um trecho íngreme, onde tem que se caminhar lentamente segurando em cordas. A entrada no Poço Encantado custa cerca de R\$ 10,00 e inclui o capacete de segurança. Os guias iluminam o caminho com lampiões e algumas pessoas também utilizam lanternas de capacete. É permitido registrar toda a beleza do local com fotos, mas o turista precisa adotar os avisos e conselhos apresentados pelo guia para contribuir com a conservação do local.

Como muitas cidades da Chapada Diamantina Itaetê também apresenta muitas cachoeiras como a do Roncador e grutas. Sua população vive às margens do Rio Paraguaçu de onde sai o pescado para a Moqueca de Tucunaré. Além disso, a cidade possui terreiros de candomblé respeitadíssimos pela população, monumentos históricos e bibliotecas que são bem frequentados pelos turistas. Na cidade também se encontra uma represa de mais de 17 km. Esta é a maior represa da região, composta por água doce e rodeada de serras e morros que formam uma grande concha a céu aberto.

Parecida com as comunidades vizinhas a Lençóis, a população de Itaetê enfrenta dificuldade para viver do turismo e acaba migrando para a pecuária, a pesca e a agricultura familiar. O Poço Encantado que tem levado anualmente milhares de turistas à cidade, ajuda um pouco, mas as pessoas não pernoitam por falta de infraestrutura hoteleira e o local perde em termos de envolvimento com o turismo e a possibilidade de maior preservação.

Encontra-se na cidade uma fábrica de biodiesel chamada Itéoleo que emprega pessoas. Além disso, a cidade é bem mais acessível em termos de transportes que outros destinos sendo atendida pelas empresas de ônibus Àguia Branca, Novo Horizonte e EMTRAM.

Esta cidade se caracteriza pelo aspecto florido, pelas serras, cachoeiras e rios. Destaca-se o Poço do Diabo com uma cachoeira apta à prática de esportes radicais que também recebe muitos turistas. Além disso, há o Parque Municipal de Mucugê, o Cemitério Bizantino, o Projeto Nacional Sempre-Viva, o Museu vivo do garimpeiro e o centro cultural de Mucugê. Um local, portanto, para quem gosta de natureza, cultura e história.

O Parque Municipal de Mucugê é ancorado pelo Projeto Sempre Viva que visa preservar os ecossistemas de domínio rupestre, sobretudo, de uma espécie de Sempre Viva endêmica de Mucugê, a *Syngonanthus Mucugensis*. Esta espécie encontra-se em extinção devido a muitos anos de coleta predatória. Já o cemitério Santa Isabel em estilo Bizantino, único no Brasil, chama atenção por ser uma curiosa construção do século XIX, feita na entrada da cidade, repleto de miniaturas de igrejas e de capelas em formas góticas e pontiagudas. As obras, todas muito branquinhas, ganham iluminação azulada ao anoitecer.

A cidade é pacata e hospitaleira com destaque para uma rua comprida, com uma praça no meio e o centro histórico tombado pelo IPHAN. Há bons hotéis, mas sua economia é baseada na cafeicultura, sendo inclusive reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Cafeicultura. Mucugê seduz o turista pelo aspecto de cidade pequena, ainda sem os deslumbramentos do turismo de massa de Lençóis, com as casas preservando a arquitetura antiga e praças com pequenos bancos de descanso.

Mucugê apresenta um roteiro turístico mais conservado que outros municípios da Chapada Diamantina, mas também apresentam seus problemas. Segundo moradores locais, a boa coleta e separação de lixo que existia na cidade estão perdendo espaço para ruas frequentadas por animais que defecam sobre os calçamentos, para caminhões de grande porte e tanques de combustíveis que passaram a trafegar com rotina sobre a histórica pavimentação, após o fortalecimento econômico da agroindústria. Já se percebe, inclusive, roupas estendidas pelas famosas ruas tombadas pelo IPHAN e lixos deixados para coleta que acabem sendo revirados pelos cães.

Além disso, há problemas com as queimadas, que quando acontecem não escolhem lugares, além da falta de interação entre as instâncias pública e privada da cidade, no que se refere a adotarem sempre medidas que busquem preservar o meio ambiente em detrimento de

investimentos em atividades econômicas menos sustentáveis. O município também precisa interagir mais com as cidades vizinhas para fortalecer a corrente pelo turismo sustentável ao longo de todo território da Chapada Diamantina.

Nos últimos anos o município de Mucugê teve uma explosão agroindustrial com a construção do Agropolo. Esta região atraiu diversos produtores de horticultura, floricultura e fruticultura que investiram em tecnologia para exportação. Com isso, o município possui cerca de 60% das atividades econômicas concentradas nas atividades agropecuárias.

## 5 Cidade de Nova Redenção

Nova Redenção, região sul da Chapada Diamantina, a 45 km da BR-242, entra no roteiro turístico da Chapada Diamantina por conta do Poço Azul, que é muito parecido com o Poço Encantado de Itaetê. O ponto forte do local é a flutuação moderada nas águas cristalinas que pode ser feita na parte interna da caverna, onde se encontra o rio subterrâneo do Poço Azul, que desemboca no Rio Paraguaçu. De acordo com a Secretaria de Turismo da Bahia, estudos paleontológicos foram feitos no Poço Azul, a partir de 2005, onde foram encontradas mais de três mil unidades fósseis de animais pré-históricos. Este fato transformou o Poço Azul no maior sítio paleontológico submerso do Brasil.

O melhor momento para entrar no poço é entre as 13 h e 15 horas, quando os raios solares irradiam águas azuis formando o espetáculo de luz e beleza. O preço que se paga para visita é de cerca de R\$ 10,00 como em muitos atrativos da Chapada Diamantina. E, diferente do Poço Encantado, este momento pode ser vivenciado em outras épocas do ano que não entre os meses de abril e setembro.

O restaurante conhecido da cidade é o da dona Alice que se encontra próximo às dependências do Poço Azul. No local há comida típica e redes para se descansar após o almoço. Na cidade os atrativos turísticos são poucos e o povo vive da agricultura e da pecuária. Assim como em Iraquara, a população não se encontra muito envolvida com a

sustentabilidade do turismo e se caracterizam mais pelo consumo do que pela produção e utilização do recurso.

A cidade é uma das mais atrasadas na Chapada Diamantina nos quesitos economia e infraestrutura. Não há um grande setor que movimente a economia do lugar e isto faz com que as pessoas se dividam entre agropecuária, comércio e serviços. Também não há muitos investimentos em saúde, educação e acessibilidade. Sem falar que turisticamente Nova Redenção não apresenta projetos que possam desenvolver a atividade e contribuir para o emprego e renda das pessoas.

Contudo, após as descobertas dos fosséis na região do Poço Azul, o turismo de Nova Redenção deu uma amostra de que diante de uma estrutura que anseia por desenvolvimento e infraestrutura, para que as pessoas possam sonhar com melhores condições de vida, o turismo pode surgir como uma opção considerável.

## 6 Cidade de Palmeiras

Atrações naturais não faltam no município de Palmeiras. Situada no centro da Chapada Diamantina, a cidade é rota certa para o contato direto com a natureza. Em meio a imensas paredões, rios e serras da Região, Palmeiras se destaca com o famoso Vale do Capão, a Cachoeira da Fumaça, o Morro do Pai Inácio e o Morro do Camelo. Parece pouco, mas entre as suas principais atrações ainda estão os Sítios Arqueológicos do Matão, a Serra Negra e o Poço dos Impossíveis. O seu patrimônio histórico e cultural é composto pelos casarios coloniais como o Museu da Cidade, que guarda lembranças do início do século XX, e, por uma das maiores festas de carnaval da região.

Conhecida pelo vasto potencial para roteiros de altitude a cidade enche os olhos de quem deseja fazer caminhadas, visitar paisagens inesquecíveis e vivenciar emoções fortes. Saindo de Lençóis as agências percorrem cerca de 50 km até a cidade de Palmeiras e mais 20 km em estrada de barro até o Vale do Capão. O Capão é uma comunidade esotérica que exporta mel, culturas orgânicas e possui um estilo de vida alternativo com destaque para a rigorosa coleta seletiva de lixo.

O Capão possui uma cultura diversificada, com pessoas de diferentes partes do mundo reunidas em torno de um estilo de vida voltado ao desenvolvimento humano e ao respeito à natureza. Com oito associações, o Vale reúne arte, artesanato e atividades sustentáveis, como a agricultura orgânica, ervas medicinais, fitoterápicos e fitocosméticos, mel orgânico, teatro, coral, circo, dança, e o turismo comprometido com a conservação do patrimônio natural e cultural.

No Vale do Capão se pode usufruir das principais trilhas da Chapada: o (Capão/ Vale do Paty), (Capão/Andaraí), (Capão/Lençóis), (Capão/Mucugê), Cachoeira da Fumaça por baixo e caminhandas pelos Gerais do Rio Preto, Gerais do Vieira, Gerais da Fumaça, encontrando cachoeiras maravilhosas e recantos surpreendentes no caminho. Entre suas principais cachoeiras está a imponente Cachoeira da Fumaça, com seus 380 metros de altura, a segunda mais alta queda livre do Brasil.

Pode-se dizer que a Vila do Vale do Capão é o território turístico da Chapada Diamantina que se encontra mais próxima do turismo sustentável. Isto porque sua comunidade é muito comprometida com a conservação do Patrimônio Natural e Cultural. Entre as modalidades de turismo sustentável estão os turismos de saúde, de aventura, o ecoturismo, o turismo cultural e o turismo Pedagógico, que se propõe a formar jovens para uma cultura pacífica e sustentável; além de promover a oportunidade de uma convivência intensa com a natureza, em um lugar onde o respeito à diversidade ecológica e cultural seja um estilo de Vida.

O Vale do Capão ainda se caracteriza por ser uma vila muito bem instalada, de povo simples, tranquilo, que vive a vida num ritmo bem diferente das cidades grandes. As ruas ainda são todas de terra e as construções da cidade compartilham harmonicamente o mesmo espaço com o verde.

A pior tristeza que a Chapada Diamantina pode apresentar em temas de turismo é saber que a cidade de Palmeiras, portando um dos mais ricos potenciais de atrativos de toda a Região, se destaca apenas por ser o portão de entrada para o Vale do Capão. Isto porque assim como sua vizinha Iraquara, como Ibicoara e Nova Redenção a cidade pouco utiliza do turismo para empregar e oferecer condições de vida aos seus habitantes. Aliás, nos povoados do Julião e Lajedinho, há poucos km do Capão, aonde as pessoas vivem da agricultura familiar e da

criação de animais, eles sequer conhecem a magnitude que aquelas serras e morros apresentam e os ganhos que o turismo poderia levar para o desenvolvimento local.

Este cenário é ainda mais revelador ao se observar a estrutura da cidade que permanece estagnada há mais ou menos 15 anos. A composição econômica da cidade é montada pelo setor de serviços que apresenta como grande mentor o Vale do Capão e as pessoas que trabalham em cidades vizinhas como Seabra. Além disso, a agropecuária oferece as condições de sobrevivência para os povoados e circula um pouco da renda através da feira que acontece aos sábados. De acordo com famílias que residem na sede da cidade, a economia também recebe apoio de pessoas que moram e trabalham em outros lugares como Barreiras e que remetem recursos para eles moverem o pequeno comércio local.

Em termos de turismo apenas o Vale do Capão usufrui dos recursos advindos com a atividade. Por conta disso, a cidade não apresenta nenhum centro médico que atenda a população que é encaminhada para Iraquara quando acontece algo mais grave. Também não há nenhum hotel ou restaurante capaz de atender os visitantes, que mesmo no período do carnaval, único evento de impacto em termos de lazer que a cidade oferece, são obrigados a se hospedarem em cidades vizinhas ou alugarem casas no centro da cidade.

Na parte referente aos índices sociais a cidade sempre se posiciona bem com relação à sua vizinhança. Contudo, tais índices sofrem grande impacto da estrutura de vida montada no Vale do Capão. Como a população da cidade é pequena, um pouco mais de nove mil pessoas, os índices acabam sofrendo esse impacto e deixando a cidade numa média boa perante a parte da infraestrutura.

## 7 Cidade de Lençóis

Em termos de atrativos naturais a cidade de Lençóis precisa do apoio de outros lugares para compor seus roteiros. O grande atrativo natural de Lençóis, que é um dos menos utilizados pelas agências de turismo local, por conta da distância, é a Cachoeira do Mosquito. Um dos lugares mais belos e ricos da Chapada Diamantina que conta a história dos primeiros habitantes da região, índios Cariris da nação Maracá. A Cachoeira se encontra a 60 km de Lençóis, na Fazenda Os Impossíveis. Após chegar à Fazenda realiza-se uma caminhada de 3,5 km até a Cachoeira do Mosquito, num trecho de areia e descidas íngremes, para se visitar um

Complexo Arqueológico com mais de 1000 pinturas rupestres, que segundo os guias datam de 10 a 12 mil anos.

Não é um dos roteiros mais procurados da Chapada Diamantina, pois o acesso é mais complicado e a trilha considerada uma das mais difíceis. Por conta disso, não enfrenta muitos problemas de impacto ambiental. Sem falar que o proprietário da fazenda vive para conservar o ambiente e receber as pessoas, fato que torna o lugar ainda mais seguro no quesito responsabilidade ambiental.

Durante o percurso há pedras escorregadias e altas, muita areia que esquenta com o sol, além de se atravessar um rio com água em profundidade de um metro. Pelo fato da Cachoeira se encontrar distante do centro da cidade o auxílio médico fica bastante comprometido. Talvez por isso, fosse mais adequado a utilização de corrimão ou cordas de apoio nas trilhas para facilitar a travessia dos visitantes.

O roteiro City Tour que é feito dentro da cidade de Lençóis é voltado aos atrativos histórico-culturais. Compõe esse roteiro o Centro Histórico de Lençóis, tombado pelo IPHAN, o Rancho do Garimpeiro para conversa com garimpeiros da região, o Morro Serrano com vista privilegiada para a cidade, junto com o Salão de Areia, a Cachoeira da Primavera e os Ribeirões de cima, de baixo e do meio. Os turistas ainda podem visitar projetos como o Circuito Cultural da Chapada Diamantina, oficinas de teatro de arena, concerto ciranda cultural de aulas de violão e exposições realizadas pela Secretaria de Turismo e Cultura.

Contudo, mesmo não sendo a principal cidade em termos de recursos naturais, na Chapada Diamantina, Lençóis foi a que despertou primeiro para o turismo e conseguiu montar uma estrutura agradável para recepcionar os visitantes. Na estrutura montada, além dos roteiros citados anteriormente, os visitantes também podem usufruir de outras atividades como as festas e datas comemorativas, que são especificamente destinadas ao turista.

No mês de Junho, por exemplo, é montada uma estrutura para atender aos visitantes e mostrar, através de entretenimento, a riqueza cultural do lugar. A festa junina se inicia no dia 12, véspera do dia de Santo Antônio, e encerra no dia 29, dia de São Pedro. O ponto mais

elevado da festa ocorre nos dias 23 e 24, o São João. Além disso, a cidade investe também nas festas de Natal e no Réveillon que são muito atrativas para a economia local. Os festejos contam com a participação de eventos musicais, grupos culturais do município e da igreja.

Além destas datas comemorativas que fazem parte do acervo turístico e cultural da cidade, a Secretaria de Turismo e Cultura de Lençóis também é responsável por organizar e promover com o apoio da Secretaria de Turismo (SETUR) e BAHIATURSA, o Festival de Inverno de Lençóis. Trata-se de um evento renomado, com a presença de artistas da música popular brasileira, que acontece por 3 dias durante o mês de agosto de cada ano. O Festival é realizado desde o ano de 1999 e faz parte do calendário de eventos da região há mais de 10 anos, atraindo a cada edição aproximadamente 25 mil pessoas.

Lençóis também conta com a presença de vários grupos e associações que dão apoio ao turismo local. Dentre estes grupos estão a Associação dos Empresários de Turismo de Lençóis (ASSET) e a Associação dos Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL), que reúne cerca de 180 profissionais capacitados para guiar os turistas pelos diversos roteiros e trilhas da região. Os condutores ou guias são os agentes importantes para a infraestrutura turística da cidade, pois são através deles que os visitantes não só conhecem os lugares como também entendem e valorizam a cultura, o modo de viver e costumes dos lugares. São eles que possuem mais informações sobre a deficiência do turismo local, pois lidam diariamente com a prática.

Numa visão panorâmica das cidades estudadas, observa-se que um dos maiores problemas enfrentados pela região é a falta de apoio de outras cidades no estímulo à atividade turística e na infraestrutura necessária para exploração dos atrativos. Em muitas destas cidades, a Secretaria de turismo local atua de forma limitada e a exploração dos pontos acontece por meio dos proprietários das terras em parceria com as agências de Lençóis. O poder público municipal da maior parte delas não destinam recursos financeiros e humanos para a infraestrutura turística e muitas vezes não a consideram prioridade.

Assim, por toda a Chapada Diamantina, inclusive em Lençóis, pode-se perceber um despreparo na administração dos negócios e na prestação de serviços ao turista, já que a maioria dos envolvidos não apresenta uma formação adequada. De uma forma geral, praticamente em todas as cidades são relatadas deficiências na qualificação da mão-de-obra,

no fluxo reduzido ou irregular de turistas, na falta de divulgação do destino, ausência ou deficiência de empresas turísticas (agências, hotéis, entretenimento, etc.), problemas de acessibilidade, saneamento básico inexistente ou deficiente e falta de linhas de financiamento.

Então, a interação entre Lençóis e seus vizinhos ainda é muito fraca. De acordo com o Secretário de Turismo de Lençóis até há reuniões entre as Secretarias para discutirem informações referentes à exploração turística. Mas, quando estas reuniões acontecem, nem todo mundo participa e a sequência das atividades discutidas é comprometida pela falta de outras reuniões. Até há um Fórum Regional do Turismo com membros das Secretarias dos municípios, mas suas ações são pequenas e pouco interativas fazendo com que cada cidade cuide do seu sem muito comprometimento com a atividade conjunta e o fortalecimento regional.

#### 4.5 VETORES PREJUDICIAIS À SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO LOCAL<sup>6</sup>

Foi observado anteriormente que na maioria das cidades chapadenses os órgãos públicos fazem vista grossa para a destinação final do lixo e resíduos sólidos produzidos. Isto porque na maioria delas após ser recolhido nas ruas o lixo é despejado em terrenos baldios próximos às estradas e BRs. Na BA 850, km 7, rodovia que dá acesso a Lençóis a partir da BR 242, os resíduos de lixo da cidade são jogados em uma área de floresta desmatada. Um espaço que pertence à Prefeitura e que faz parte da área de conservação do Projeto Ambiental Marimbus/Iraquara.

Este local, que é constituído de solo arenoso, fato que favorece a poluição dos lençóis freáticos e espécies da região via lixiviação e chorume, encontra-se totalmente tomado por lixo em decomposição em uma imagem totalmente contrastante com a do ambiente ao seu redor. Soma-se a isto ainda, o fato de que essa forma de disposição do lixo favorece a propagação de doenças infectocontagiosas.

---

<sup>6</sup> Imagens sobre os vetores nos Anexos B e C

O mesmo processo foi percebido em Palmeiras, Iraquara, Piatã e, de acordo com os nativos, também existe em outras cidades da Chapada Diamantina. Fato que demonstra a desqualificação e o descaso dos órgãos públicos com a sustentabilidade dos recursos ambientais. Tais recursos, na forma como são lançados em terreno a céu aberto, sujeita os ecossistemas da região aos piores impactos possíveis. Pois, conforme as imagens utilizadas no trabalho, observa-se que há incontáveis tipos de recipientes jogados nestes lixões. Há exemplos de vidros, sacos plásticos, pneus, metais, seringas de vacina, etc. o que reflete que os municípios não adotam nem a prática de reciclagem nem a coleta seletiva.

Além disso, a maioria das cidades não aplica políticas de tratamento de resíduos hospitalares. Há também ausência de uma estação de tratamento de água para a sua reutilização e inexistência de um sistema público de coleta de esgoto com configuração de separador absoluto. Há relatos, inclusive, de que em vários destes lugares as pessoas costumam dispor o lixo doméstico no quintal ou enterram e, posteriormente, utilizam o aterro para o plantio de árvores frutíferas.

Observa-se também que o saneamento básico dos municípios é precário. Em quase todos os lugares se utiliza à fossa séptica. As localidades não possuem esgotamento sanitário, fator crítico para a contaminação das águas superficiais. Lençóis possui uma pequena rede de esgotamento sanitário, restrita ao centro, que coleta o esgoto do sítio histórico e o despeja diretamente no rio que corta a cidade. Nos períodos de baixa vazão, o leito do rio transforma-se em um esgoto que corta a cidade. Além disso, este e outros rios e riachos da região transformam-se em lavanderias públicas e é comum o uso de produtos como detergentes e água sanitária.

Outro problema enfrentado por toda a Chapada Diamantina que tem sido recorrente em todo final de ano, quando se aproxima o verão, são os focos de incêndio. Segundo informações coletadas em páginas do Ibama de Lençóis, a maioria dos incêndios são provocados por pessoas que abrem pastagens, lidam com a agricultura, caça, garimpos clandestinos e descuido nas trilhas e acampamentos. Os problemas com incêndio atingem a biodiversidade de fauna, flora e importantes nascentes dos rios.

As associações dos guias de Lençóis sempre orientam os visitantes com relação aos cuidados com o fogo na região, além de alertar para que não joguem lixo nas trilhas e não façam

fogueiras ao sair para acampar. Mas, mesmo com as orientações passadas ainda se pode observar que muitas pessoas não respeitam o trabalho dos guias, pois se encontra lixo pelas trilhas e até mesmo o lixo já queimado.

Os próprios moradores da Chapada Diamantina quando visitam os rios costumam fazer churrasqueiras de pedras em suas margens. Estas churrasqueiras muitas vezes ficam acesas no final da tarde e pode sofrer uma ação de ventos que levem as brasas para o capim que é altamente perecível ao fogo. Uma vez aceso esse fogo pode partir em direção às florestas e destruir boa parte da região. Por conta de ações como estas em Lençóis foram implantadas equipes de fiscalização das queimadas através da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), Instituto do Meio Ambiente (IMA), Companhia de Polícia de Proteção Ambiental do Estado da Bahia (COPPA) e do Instituto de Gestão das Águas e Clima (INGA).

Contudo, segundo informações de guias e Brigadistas de Lençóis, estas equipes estão sempre em descompasso com as operações. Com isso, as escassas atuações da campanha “Chapada Sem Fogo” ficam ainda mais comprometidas. As reclamações feitas pelas pessoas envolvidas com a atividade turística da região contra os governos é que eles sempre são avisados da situação, mas todo ano só agem quando o estágio do fogo já se encontra avançado e é noticiada pelos veículos de comunicação.

Além dos impactos ao meio ambiente com vegetações nativas sendo frequentemente destruídas, os incêndios causam prejuízos à saúde das pessoas e à economia da região por conta da destruição de lavouras. Neste contexto, ainda está em jogo o rico patrimônio arqueológico, natural, geológico, ambiental e cultural que ameaça ser destruído de forma irrecuperável.

Atualmente, além dos órgãos de fiscalização que na teoria estão presentes, existem alguns órgãos de combate aos incêndios. Dentre eles encontram-se a Coordenadoria de Defesa Civil do Estado da Bahia (CORDEC), com uma base provisória em Lençóis que auxilia com veículos na logística do combate, transportando equipamentos, brigadistas e alimentação. O Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBIO), que é o órgão gestor do Parque; o Corpo de Bombeiros do 11º Grupamento de Bombeiros Militares de Lençóis.

Contudo, quem de fato realiza as atividades são os bombeiros e os grupos de Brigadistas que, além de oferecerem cursos de educação ambiental gratuitos para jovens da cidade, são os

responsáveis pelo combate direto. Em Lençóis destacam-se as Brigadas de Resgate Ambiental de Lençóis (BRAL) e as Brigadas Voluntárias de Lençóis (BVL), mas, na região, há outros grupos espalhados por cidades como Andaraí, Ibicoara, Palmeiras, Mucugê, etc; que prestam apoio durante o verão. Por conta dos poucos recursos que recebem a maioria dos Brigadistas de Lençóis também atuam como guias para se sustentarem.

Outra questão bastante visível e preocupante é a sazonalidade. O período de novembro a março é o momento em que se encontra o melhor clima para o banho de cachoeira, sendo também o período de alta procura. Já de Maio a Outubro, pelo risco de não haver água em cachoeiras famosas como a da Fumaça e a do Ramalho, a Chapada sofre com a escassez de turistas e vive o pior momento de sustentabilidade da atividade. As visitas diminuem bastante por conta dos campos secos e das queimadas. Com isso, reduz-se o nível de empregabilidade e de recurso angariados pelos destinos turísticos da região. As exceções para este período de Maio a Outubro acontecem durante o mês de Junho por conta dos festejos juninos e durante a semana que se realiza o Festival de Inverno de Lençóis.

Para os outros Municípios da região, em que o fluxo turístico ainda é menor que o de Lençóis, este período de baixa procura se constitui no momento em que as pessoas procuram outras atividades para sobreviverem. Dentre estas atividades estão a lavoura que culmina em desmatamento da natureza, focos de incêndio e poluição dos ambientes.

No que se refere a Cooperação Regional, a Câmara Técnica do Circuito Chapada da Diamantina, que é a instância criada para governança regional não está formalmente constituída, não conta com recurso próprio, tampouco dispõe de suporte para a condução de suas atividades. Por conta disso, os roteiros regionais dos quais o destino faz parte não foram elaborados com base em informações de um inventário ou cadastro da oferta turística e nem foram consideradas questões de sustentabilidade.

## **5 AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA CIDADE DE LENÇÓIS.**

Nota-se através da pesquisa que os recursos turísticos de Lençóis e Região, sejam eles naturais, históricos, culturais ou festivos, possuem condições de atratividade bastante significantes para desenvolver a atividade. Aliás, tem sido justamente este alto grau de atratividade dos roteiros que tem amenizado, perante o visitante, a presença de alguns problemas de infraestrutura.

Então, os motivos pelos quais o turismo em nível regional não consegue ser uma prioridade para desenvolver as localidades, apesar das riquezas que o destino possui, é a falta de integração entre os gestores públicos no desenvolvimento de projetos que possam angariar recursos e investimentos. O simples fato de se pensar que apenas Lençóis é capaz de viver de turismo, na região, é um elemento limitador de atitudes capaz de promover desenvolvimento.

Os resultados obtidos na pesquisa demonstraram que pela falta de uma prática turística nas outras cidades, as pessoas, demonstram desconhecimento acerca do potencial que os atrativos possuem e por consequência buscam acreditar em outros segmentos econômicos como a lavoura, a pecuária, o comércio e os serviços públicos. Com isso, ficou constatado que a região não tem como foco formar agentes empreendedores do turismo local nem mesmo unir forças para buscar um desenvolvimento turístico capaz de diversificar suas economias.

A situação atual mostra Lençóis com uma estrutura inicial interessante para um processo de desenvolvimento sustentável, por conta da boa rede hoteleira, das agências, guias e recursos destinados ao turismo. Contudo, a maioria das cidades da região apresenta dominância de outras atividades econômicas e focam seus desenvolvimentos sobre elas. Como a economia da região não está atrelada a uma atividade uniforme e sim centrada na singularidade de cada lugar, Lençóis precisa incentivar os outros municípios a participarem de um planejamento regional que busque agregar elementos de sustentabilidade sem que estes lugares percam suas particularidades.

Através do estudo foi possível perceber ainda que na maioria dos municípios os índices de desenvolvimento, infraestrutura, saúde, educação e renda estão abaixo da média nacional, mas

que Ibicoara e Mucugê apresentam ascensão de renda por conta do agropolo. Por isso, Ibicoara pouco se interessa para desenvolver a atividade turística e Mucugê está em retrocesso quanto a elementos estruturais que sustentem o turismo local. Pelo que foi estudado, os gestores destes locais estão voltando suas forças para a agroindústria, fato que está aumentando seus rendimentos. Mas, eles não estão percebendo que o turismo pode ser um elemento de diversificação econômica.

Então, diante da pouca infraestrutura presente na maioria das cidades vizinhas, que contribui para os problemas encontrados em grande parte dos atrativos turísticos, a cidade de Lençóis acaba desenvolvendo uma atividade que emprega parte de seus moradores, mas que se encontra totalmente insustentável no contexto regional. Isto porque em uma região como a Chapada Diamantina, que possui atrativos sobre o controle e gestão de várias cidades diferentes, não é suficiente apenas viver da imagem e condição física dos atrativos. O lugar necessita urgentemente de uma integração econômica, social, política e ambiental para garantir o desenvolvimento e a sustentabilidade.

A preocupação maior, então, centra-se na necessidade de fazer com que os gestores municipais da Chapada Diamantina entendam o contexto e sejam capazes de desenvolver projetos voltados à integração regional. É preciso que os agentes sintam-se motivados a interagir com o turismo, para buscar várias formas de contribuir com seu desenvolvimento e sustentabilidade. Para formar uma região turística, o envolvimento regional com a atividade é imprescindível.

A região precisa criar mecanismos para favorecer a Nova Redenção utilizar o Poço Azul para desenvolver a comunidade ao seu redor. Fazer com que Palmeiras use o Morro do Pai Inácio e o Vale do Capão para empregar e desenvolver sua comunidade. Assim como Iraquara utilize das Grutas e da Pratinha para levar os turistas até a sede da cidade, onde se possa desenvolver entretenimento e artesanato. Até mesmo Ibicoara e Mucugê, que gozam de melhores condições econômicas, utilizarem de seus potenciais para desenvolver suas estruturas hoteleira, hospitalar e de acessibilidade. E Lençóis, aproveitar seu engajamento com os players que fomentam o turismo da região para elaborar projetos junto às cidades vizinhas e buscarem investimentos através do governo e da iniciativa privada.

## 6 CONCLUSÕES

Partindo do princípio que o turismo é uma atividade econômica de efeito multiplicador, ele pode contribuir para desenvolver a cidade de Lençóis e as outras localidades. Mas, para isso a atividade precisa ser concebida e planejada com a participação de todos os atores envolvidos. Mesmo em Lençóis que é a cidade mais avançada no sentido de utilizar o turismo como atividade geradora de emprego e renda, a estrutura turística ainda não se encontra em desenvolvimento sustentável. Basta ver as condições do hospital da cidade, da coleta e do destino final do lixo, da acessibilidade aos atrativos, da interação com as outras comunidades, do combate aos incêndios e da sazonalidade, para notar que o turismo tem crescido, mas não tem se desenvolvido com sustentabilidade.

O potencial de atratividade da região encontra-se numa disposição privilegiada dentro dos produtos turísticos nacionais, podendo agregar pacotes diferenciados numa única viagem. Entretanto, o uso desse potencial deve vir apoiado por equipamentos de infraestrutura receptiva como serviços básicos de atendimento aos turistas e à população local, para que as necessidades e interesses de todas as pessoas envolvidas sejam realizados de forma adequada.

E, de acordo com o estudo feito, percebe-se que falta um planejamento regional que envolva a distribuição de renda e a conservação dos recursos entre todos os destinos da Chapada Diamantina, para que estas sociedades se integrem de forma mais ativa no desenvolvimento local. Estruturas como a rede hoteleira, as agências, os órgãos de saúde e segurança de todas as cidades necessitam de investimentos para revitalização e adoção de medidas mais sustentáveis. Sem falar que as cidades precisam se unir para adotar um sistema de limpeza pública e deposição final do lixo.

É preciso evitar o enfraquecimento turístico das cidades vizinhas a Lençóis para reduzir os problemas encontrados em grande parte dos atrativos. Para isso, é preciso que as secretarias de turismo funcionem de forma integrada favorecendo uma aproximação entre a esfera pública e os setores privados em termos de apoio e facilidades. A integração da região é necessária, inclusive, como meio de angariar recursos frente ao Ministério do Turismo para desenvolver os players turísticos da região.

Para se pensar em desenvolvimento sustentável como catalisador de mudanças capazes de gerar emprego, renda e resguardar o meio ambiente é necessário desenvolver um projeto de gestão participativa integrando o governo, a propriedade privada, as ONGs, e, sobretudo, a comunidade chapadense. Nesse sentido é possível criar cargos de fiscalização e inspeção dos recursos para serem ocupados pelos nativos em detrimento do trabalho em funções que favorecem a origem dos focos de incêndio.

Outra solução viável pode ser destinada aos lixões com aplicação de ações já existentes em outros lugares do Brasil como os aterros sanitários sustentáveis, a separação do lixo e redes de esgotamento urbano. O próprio problema da sazonalidade pode ser minimizado com a utilização de outros atrativos e festejos em datas menos badaladas, com uma divulgação voltada ao período de menor fluxo ao invés de focar os investimentos no final de ano, fato que sobrecarrega os atrativos naturais. Em geral, a criação de atividades envolvendo os nativos ao setor turístico pode estimular a criação de organizações e instituições voltadas para a proteção do meio ambiente.

Também se pode utilizar como instrumento para propagação do turismo sustentável ações capazes de orientar e fornecer ferramentas para aprimorar a qualidade e competitividade de micro e pequenas empresas do turismo local, assim como dos agentes envolvidos com a atividade. Com isso pode-se melhorar o desempenho nas áreas econômicas, ambiental e sociocultural atingindo o efeito desejado.

A região da Chapada Diamantina possui um rico potencial turístico que antes de ser explorado por qualquer atividade econômica necessita ser preservado. E como os lugares não apresentam condições para que seus moradores vivam somente preservando estes recursos, há uma necessidade de casar uma atividade capaz de gerar emprego e renda junto com a preservação dos recursos ambientais.

Assim, imagina-se que o turismo possa ser esta atividade capaz de implementar um desenvolvimento sustentável na região, desde que seja praticado de forma responsável, com toda a cadeia produtiva se mobilizando na busca pela sustentabilidade. Dessa forma, o desenvolvimento do turismo pode contribuir positivamente para a conservação, valorização e respeito à biodiversidade, não comprometendo a qualidade de vida das gerações futuras.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENI, M. C. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003. cap. 1 e 2.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio e Turismo; Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídrico da Amazônia Legal. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: MICT/MMA, 1995.
- BRASIL. Ministério Público Federal– Procuradoria Regional da República da 3ª Região. **Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU**. Preâmbulo. Minas Gerais.
- BUARQUE, S.C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Regulamentação, Normalização e Certificação em Turismo de Aventura. **Relatório Diagnóstico**. Brasília, 2005.
- BRITO, Francisco. E. M. **Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1991
- CUNHA, K.S; CUNHA, João C. **Competitividade e Sustentabilidade de um Cluster de Turismo: uma Proposta de Modelo Sistêmico de Medida do Impacto do Turismo no Desenvolvimento Local**. 2005.  
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v9nspe2/v9nesp2a06.pdf> Acesso em: 23 de Janeiro de 2013.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 11 Ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Decreto 448 de 14 de fevereiro de 1992**.
- FISCHER, T. Poderes Locais, Desenvolvimento e Gestão. Introdução a uma agenda. In: FISCHER, T. (org). **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais: marcos teóricos e avaliação**. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 2002. p. 12-32
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, vol. 35, n.o 3, p. 20-29, maio/jun.1995.

MAGALHÃES, Cristina Vânia. **Normalização de Trabalhos Acadêmicos nas Faculdades de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis da UFBA/Organização**. 2. ed. rev. e ampl. Salvador, 2007. 50p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Turismo internacional: uma perspectiva global**. 2ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2004.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 7. ed. Campinas: Papyrus 2001. Cap.3.

SACHS, I. **A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Tradução de José Lins Albuquerque Filho. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006.

SEBRAE. **Turismo no Brasil: termo de referência para atuação do Sistema SEBRAE**. Brasília, 2010.

SILVEIRA, M. A. T. **Turismo, Políticas de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento: Um foco no Estado do Paraná no Contexto Regional**. 2002, 277 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo, 2002.

## APÊNDICE

APENDICE A – Corpo do e-mail enviado pelo Secretário de turismo de Lençóis Delmar Araújo.

- *Re: Material para diagnóstico sobre turismo*  
Para ver mensagens relacionadas a esta, [agrupar mensagens por conversa](#).  
[Documentos](#) | 12/01/2012  
[Responder](#) ▼  
[secretaria de turismo lencois](#)  
Para Marcello santos  
[Exibição Ativa](#) do Hotmail

1 anexo (10,6 MB)



Conheça o...docx

[Exibir online](#)

[Baixar](#)(10,6 MB)

[Baixar como zip](#)

Marcelo,

Atendendo a sua demanda,encaminhamos informações referentes ao turismo de Lençóis,resultados consolidados no relatório técnico do grupo gestor de turismo, coordenado pela Secretaria de Turismo de Lençóis.

Att,

Delmar de Araujo  
Sectur

Em 12 de janeiro de 2012 14:36, Marcello santos <[marcelomastroiani@hotmail.com](mailto:marcelomastroiani@hotmail.com)> escreveu:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Ao Sr. Delmar Alves de Araújo,  
SECRETÁRIO DE TURISMO E CULTURA DA CIDADE DE LENÇÓIS-BA

Referência: Material Para Diagnóstico Sobre o Turismo da Cidade

Eu, MARCELO BRANDÃO DOS SANTOS, natural de Palmeiras-Ba, solteiro, estudante de ciências econômicas, na Universidade Federal da Bahia, inscrito na matrícula sob o nº (200811434) e no RG nº (1190537729), residente e domiciliado na Avenida Sete de Setembro, Salvador, venho respeitosamente solicitar a emissão de material.

Quais sejam:

Dados do número de hotéis, fluxo turístico, agências,  
Dados da participação pública no turismo da cidade,  
Projetos, programas e campanhas envolvidos com o desenvolvimento do turismo.  
Demais dados do acervo disponibilizado pela cidade para pesquisa científica sobre o turismo local.

Motivo:

Estou desenvolvendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob o tema **TURISMO NA CIDADE DE LENÇÓIS: A POSSIBILIDADE DE UM CLUSTER**, e necessito de material para diagnóstico e desenvolvimento de ações.

Certo do atendimento do meu pedido, aguardo.

Salvador-Ba, 12 de Janeiro de 2012

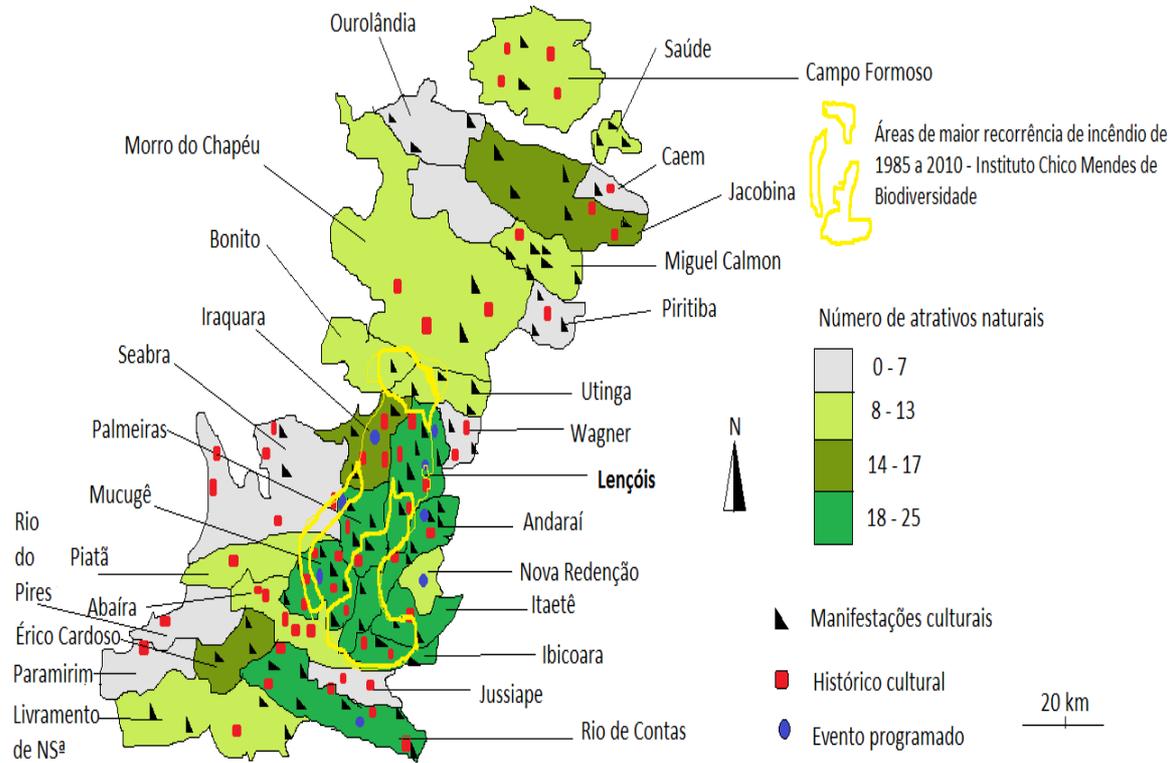
Marcelo Brandão dos Santos

--

Delmar Alves de Araújo  
Secretário de Turismo e Cultura de Lençóis  
fone: (75) 33341378  
[secturlencoischapada@gmail.com](mailto:secturlencoischapada@gmail.com)  
[sectur@lencois.ba.gov.br](mailto:sectur@lencois.ba.gov.br)

## ANEXOS

## ANEXO A - Mapa de tipologia dos atrativos turísticos da Chapada Diamantina



Fonte: Elaboração própria com base no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

## ANEXO B – Fotografias dos lixões nas cidades da Chapada Diamantina.

Fotografia 1 – Lixão da cidade de Lençóis ao lado da rodovia que dá acesso à cidade.



Foto: Germano Xavier do portal Gazeta da Chapada.

Fotografia 2 – Vista da entrada do lixão em Lençóis.



Foto: Germano Xavier do portal Gazeta da Chapada.

Fotografia 3 – Lixão na cidade de Iraquara-Ba.



Foto: Germano Xavier do portal Gazeta da Chapada.

Fotografia 4 – Placa sinalizando proibição da deposição de lixo na faixa da rodovia.



Foto: Germano Xavier do portal Gazeta da Chapada.

Fotografia 5 – Lixão em terreno de Palmeiras próximo à estrada do povoado do Julião.



Foto: Franklin Oliveira do Portal Sou Ecológico.

Fotografia 6 – Garrafas jogadas na natureza no lixão de Palmeiras.



Foto: Franklin Oliveira do Portal Sou Ecológico.

Anexo C – Imagens dos danos causados pelos incêndios recorrentes na Chapada Diamantina.

Fotografia 7 – Incêndio em Serra da Santana, em Piatã, local em que se produz um dos melhores cafés da Bahia.



Foto: Camila Queiroz – Correio Online.

Fotografia 8 – Fogo invade o povoado do Vale do Capão em 2012



Fonte: Google Imagens

Fotografia 9 – Brigadistas de Lençóis tentando apagar o fogo que assola a região.



Fonte: Jornal da Chapada

Fotografia 10 – Imagem do território devastado pelo fogo em Piatã-Ba.



Fonte: Jornal da Chapada

Fotografia 11 – Incêndio alcança proporções alarmantes em 2012 e atinge a fauna da região.



Foto: Peu Ribeiro – Jornal A Tarde

Fotografia 12 – Imagens da Cachoeira da Fumaça em período de seca e de chuva



Fonte: Google Imagens

Fotografia 13 – Imagem da Chapada Diamantina no período da seca



Fonte: Google Imagens

Restaurante da Dona Alice em Nova Redenção



Fonte: Portal Multicolorido

Estrutura interna do Poço Azul



Fonte: Portal Multicolorido

Figura 1- Matéria da Folha de São Paulo sobre o Poço Azul



Fonte: Portal Multicolorido

Anexo D- Imagens dos atrativos turísticos citados durante o trabalho.

Cachoeira da Fumaça



Fonte: Google Imagens

Morro do Camelo



Morro do Pai Inácio



Poço Encantado



Fonte: Google Imagens

Fazenda Pratinha



Gruta da Torrinha



Vale do Capão



APA Marimbus/Iraquara



Mercado Cultura de Lençóis



Fonte: Google Imagens

Festival de Inverno de Lençóis



Réveillon de Lençóis



Gruta da Torrinha



Fonte: Google Imagens